



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO-UEMA
CAMPUS BACABAL
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

REGINA LIMA DOS SANTOS

ALFABETIZAÇÃO: Um estudo sobre as práticas pedagógicas aplicadas no 2º ano dos anos iniciais na Unidade de Ensino Fundamental Pantanal no Município de Bacabal-MA

BACABAL – MA

2024.2

REGINA LIMA DOS SANTOS

ALFABETIZAÇÃO: Um estudo sobre as práticas pedagógicas aplicadas no 2º ano dos anos iniciais na Unidade de Ensino Fundamental Pantanal no Município de Bacabal-MA

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Maranhão, Campus Bacabal- MA, Curso de Licenciatura em Pedagogia como requisito para obtenção de título em Pedagogia.

Orientador: Prof. Me. Vilmar Martins da Silva

BACABAL – MA

2024.2

Santos, Regina Lima dos.

Alfabetização: um estudo sobre as práticas pedagógicas aplicadas no 2º ano dos anos iniciais na Unidade de Ensino Fundamental Pantanal no Município de Bacabal - MA / Regina Lima dos Santos. - Bacabal - MA, 2024.

61 f.

Monografia (Graduação em Pedagogia Licenciatura) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Bacabal, 2024.

Orientador: Prof. Me. Vilmar Martins da Silva.

1. Alfabetização. 2. Práticas pedagógicas. 3. Ensino Fundamental. 4. Professor.
I. Título.

CDU: 373.3:37.011.251(812.1)

REGINA LIMA DOS SANTOS

ALFABETIZAÇÃO: Um estudo sobre as práticas pedagógicas aplicadas no 2º ano dos anos iniciais na Unidade de Ensino Fundamental Pantanal no Município de Bacabal-MA

Aprovada em: 06/02/2025

Nota:10

BANCA EXAMINADORA

 Documento assinado digitalmente
VILMAR MARTINS DA SILVA
Data: 11/06/2025 07:29:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me Vilmar Martins da Silva
Orientador

Nubiragina Salasar dos Reis

1º Examinador

Ranilson Edilson da Silva

2º Examinador (a)

A Deus, por tudo que tem proporcionado em
minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, sem Ele não teria chegado até aqui, sempre me sustentou e não me deixou fracassar mesmo diante das inúmeras dificuldades.

Aos meus pais, Sandra e Reginaldo que apesar das dificuldades sempre me apoiaram, nunca mediram esforços para me ajudar e sempre acreditaram em mim. Ao meu namorado, Noé Júnior que me incentivou, compreendeu e me ajudou com seus ensinamentos desde o vestibular.

Aos meus professores que me proporcionaram muitos conhecimentos e experiências, agradeço também por toda dedicação e empenho que tiveram durante este processo.

Agradeço aos meus colegas que compartilharam vivências e conhecimentos durante esta jornada.

Agradeço também ao meu orientador Prof. Me. Vilmar Martins da Silva, por toda dedicação, paciência, compreensão e todo o tempo dedicado a me ajudar neste momento. E principalmente por todo conhecimento e palavras de motivação.

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MA	Maranhão
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PHC	Pedagogia Histórico-Crítica
PNA	Política Nacional de Alfabetização
U.E.F	Unidade de Ensino Fundamental
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Apresentação do método Alfabético.....	21
FIGURA 2 – Ilustrações referentes ao uso do método fônico.....	22
FIGURA 3 – Aplicação do método silábico.....	23
FIGURA 4 – Uso do método analítico de alfabetização.....	24
FIGURA 5 – Diferença entre os métodos de alfabetização sintéticos e analíticos.....	25
FIGURA 6 – Teoria da aprendizagem de Vygotsky.....	28
FIGURA 7 – Estágios de desenvolvimento segundo Jean Piaget.....	30
FIGURA 8 – Períodos da escrita.....	31

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Formação Docente.....	47
TABELA 2 – Dificuldades em relação ao ensino da alfabetização.....	48
TABELA 3 – Metodologias utilizadas durante as aulas.....	49
TABELA 4 – Motivos pelo qual alunos concluem o 2º ano analfabetos.....	49

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Percentual de alunos analfabetos e alfabetizados	48
---	----

RESUMO

O presente estudo aborda sobre a alfabetização tendo como foco as práticas pedagógicas aplicadas no 2º ano do ensino fundamental, no qual tem-se observado a existência de uma lacuna na área da educação, mais especificamente no processo de alfabetização, bem como o analfabetismo, que ainda persiste em ser um grande problema em relação a educação no país. Assim, notou-se a viabilidade de elaborar um estudo com ênfase nas práticas pedagógicas aplicadas no 2º ano do ensino fundamental. Deste modo, o trabalho aborda a temática relativa à Alfabetização, tendo como foco um estudo sobre as práticas pedagógicas aplicadas no 2º ano do ensino fundamental, com objetivo de compreender os principais desafios relacionados às práticas pedagógicas no processo de alfabetização, já seus objetivos específicos primaram por entender o processo de alfabetização, destacar como as práticas pedagógicas adequadas facilitam durante aprendizagem e investigar os métodos de alfabetização mais utilizados neste processo. A metodologia empregada trata-se de uma pesquisa exploratória descritiva com abordagem quantitativa contemplar de forma sucinta a temática abordada, considerando os resultados significativos para a educação, de forma que proporcione mais conhecimentos para pesquisadores da área. Foi realizada uma pesquisa no qual utilizado-se 01 questionário e 01 entrevista com perguntas que contemplam os objetivos do estudo tendo como sujeito 01 professora do 2º ano do ensino fundamental, que leciona na Unidade de Ensino Fundamental Pantanal no município de Bacabal-MA. Ao seu término, foi possível constatar que o processo de alfabetização é a base de todo o aprendizado das pessoas e um fator decisivo para o sucesso ou o fracasso destas. Ele deve, desde cedo ser realizado para que os alunos se apropriem das práticas da leitura e escrita, para que se tornarem capazes de utilizar esses conhecimentos durante toda a sua trajetória escolar e também na sociedade. Neste contexto, é importante citar que a formação dos professores é, sem dúvida um dos fatores mais importantes para que o processo de alfabetização alcance o sucesso.

Palavras-chave: Alfabetização. Práticas pedagógicas. Ensino Fundamental. Professor.

ABSTRACT

The present study addresses literacy focusing on the pedagogical practices applied in the 2nd year of elementary school, in which it has been observed the existence of a gap in the area of education, more specifically in the literacy process, as well as illiteracy, which still persists in being a major problem in relation to education in the country. Thus, it was noted the feasibility of developing a study with emphasis on the pedagogical practices applied in the 2nd year of elementary school. In this way, the work addresses the theme related to Literacy, focusing on a study on the pedagogical practices applied in the 2nd year of elementary school, with the objective of understanding the main challenges related to pedagogical practices in the literacy process, since its specific objectives were to understand the literacy process, highlight how appropriate pedagogical practices facilitate learning and investigate the most used literacy methods in this process. The methodology used is a descriptive exploratory research with a quantitative approach to contemplate in a succinct way the addressed, considering the significant results for education, in order to provide more knowledge for researchers in the area. A research was carried out in which 01 questionnaire and 01 interview were used with questions that contemplate the objectives of the study having as subject 01 teacher of the 2nd year of elementary school, who teaches at the Pantanal Elementary School Unit in the municipality of Bacabal-MA. At the end of it, it was possible to verify that the literacy process is the basis of all people's learning and a decisive factor for their success or failure. It should, from an early age, be carried out so that students appropriate the practices of reading and writing, so that they become capable of using this knowledge throughout their school career and also in society. In this context, it is important to mention that teacher training is undoubtedly one of the most important factors for the literacy process to achieve success.

Key-words: Literacy. Pedagogical practices. Elementary School. Teacher.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	CONCEITOS E HISTORICIDADE DA ALFABETIZAÇÃO	15
2.1	Histórico da alfabetização	17
2.2	Métodos de alfabetização	18
2.2.1	Os métodos sintéticos	20
2.2.2	Os métodos analíticos	23
3	TEORIAS DA APRENDIZAGEM E O ENSINO DA LEITURA E ESCRITA	26
4	O PAPEL DO PROFESSOR NA CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	36
4.1	A alfabetização em tempos de pandemia	39
5	PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	45
5.1	Procedimentos de investigação	45
5.2	Instrumentos de pesquisa	45
5.3	Sujeitos da pesquisa	45
5.4	Lócus da pesquisa	45
5.5	Procedimentos da análise	46
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO	Erro! Indicador não definido.
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
	REFERÊNCIAS	52
	APÊNDICES	59

1 INTRODUÇÃO

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define que a alfabetização das crianças deve acontecer até o 2º ano do Ensino Fundamental, garantindo assim o direito destes indivíduos de aprender a ler e escrever. Entretanto, tem-se observado a existência de uma lacuna na área da educação, mais especificamente no processo de alfabetização, bem como o analfabetismo, que ainda persiste em ser um grande problema em relação a educação no país.

Assim, notou-se a viabilidade de elaborar um estudo com ênfase nas práticas pedagógicas aplicadas no 2º ano do ensino fundamental. Deste modo, o presente estudo aborda a temática relativa à Alfabetização, tendo como objetivo compreender os principais desafios relacionados às práticas pedagógicas no processo de alfabetização no 2º ano do ensino fundamental, já seus objetivos específicos primaram por entender o processo de alfabetização, destacar como as práticas pedagógicas adequadas facilitam à aprendizagem e investigar os métodos de alfabetização mais utilizados neste processo.

Além destas lacunas que geraram a oportunidade desta abordagem, existe também a motivação pessoal, pois durante a participação no Estágio Supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental observou-se a quantidade de alunos que apresentam dificuldades na leitura, escrita e cálculo, que são fundamentais no desenvolvimento da alfabetização. Neste prisma, nota-se a importância dessas práticas pedagógicas para que o processo de alfabetização tenha êxito. Diante disso, houve uma necessidade de se pesquisar e saber mais sobre a movimentação no processo de alfabetização nos anos iniciais, como ele se desenvolve no ambiente escolar e como as práticas pedagógicas contribuem para a construção de conhecimento educacional da criança. Considerando que os docentes precisam constantemente estudar sobre o assunto para melhorar a execução do processo de alfabetização, visto que, ele é agente facilitador e incentivador das crianças no contexto escolar.

A problemática que envolve este estudo diz respeito ao grande atraso na educação brasileira apresentada desde o período colonial, verifica-se que ainda há uma dificuldade de formar crianças alfabetizadas até o 2º ano dos anos iniciais do ensino fundamental. A alfabetização, nos últimos anos tem tido grande destaque na educação, sendo um objeto de estudo que evidencia a importância da leitura e escrita

para a integração dos sujeitos na sociedade. Dessa forma, é importante entender os fatores que levam a uma criança do 2º ano do ensino fundamental não ser alfabetizada, visto que, o aluno inicia sua vida escolar logo na educação infantil, momento em que essa criança tem suas primeiras aprendizagens escolares. E é a partir disso que surgem algumas inquietações e questionamentos que necessitam de uma resposta. Dentre estas inquietações estão: Quais as concepções de alfabetização? Como se desenvolvem as práticas pedagógicas no processo de alfabetização do 2º ano do ensino fundamental? Quais as principais dificuldades enfrentadas em relação ao ensino aprendizagem no processo de alfabetização?

Diante do exposto, o presente estudo trata-se de uma pesquisa exploratória descritiva, com abordagem quantitativa, uma vez que tem como objetivo proporcionar informações que contribuam para a construção do conhecimento, além disso, tem como meta explorar mais a temática através de entrevista, questionário e observação. Assim, ela está embasada em autores que são referência para a alfabetização, como Emília Ferreiro, Magda Soares e outros autores que contribuíram respectivamente para o desenvolvimento do projeto sobre a alfabetização nos anos iniciais. Além disso, foram considerados a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDMEN). Estes documentos e leis são de grande relevância para a educação, pois fundamentam e fornecem diretrizes sobre o processo de alfabetização na escola.

O primeiro capítulo demonstra a introdução ao estudo, um breve destaque acerca da abordagem da temática, a problemática que envolve a pesquisa, o objetivo geral e os objetivos específicos, bem como a justificativa da escolha do tema.

O segundo capítulo explana os conceitos e a historicidade da alfabetização destacando os métodos de alfabetização segundo os teóricos, e suas características principais e usabilidade na sala de aula, ainda enfatiza, a análise das práticas pedagógicas adequadas que facilitam o processo de ensino aprendizagem, expondo a investigação dos métodos de alfabetização mais utilizados neste processo.

O terceiro capítulo denota sobre as teorias da aprendizagem e o ensino da leitura e escrita. No quarto capítulo, apresenta como enfoque o papel do professor na construção do processo de alfabetização. O quinto capítulo destaca os procedimentos metodológicos utilizados no estudo e o sexto capítulo refere-se aos resultados e discussão relacionados com a pesquisa de campo.

2 CONCEITOS E HISTORICIDADE DA ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização é o processo pelo qual a criança começa a se integrar mais no ambiente escolar por meio da escrita, leitura e cálculos. E para a construção desta aprendizagem, é importante que durante esse processo a criança tenha a oportunidade de explorar diferentes métodos e recursos pedagógicos para motivá-la.

Nos dizeres de Ferreiro (2011, p. 39) “A criança recebe informação dentro, mas também fora da escola, e essa informação extraescolar se parece à informação linguística geral que se utilizou quando aprendeu a falar”.

A prática da alfabetização tem sido uma questão bastante discutida pelos que se preocupam com a área da educação, já que há muitas décadas são observadas no país sempre as mesmas dificuldades de aprendizagem, além dos índices negativos relacionados com reprovações, evasão e abandono escolar, sendo que essa questão vem recebendo nas últimas décadas uma atenção especial da parte dos órgãos oficiais, os quais, entretanto, não têm obtido resultados expressivos em suas tentativas de solucionar os problemas citados (Cruz, 2023, p.4).

Em um conceito mais simples de Soares (2011, p.31), a alfabetização é o processo pelo qual os indivíduos passam para poderem adentrar no mundo da leitura e da escrita. Ainda que sejam processos diversos, são indissociáveis para a formação de leitores. Sendo assim, é necessário trabalhá-los de forma simultânea para que se possa obter resultados positivos neste processo.

Segundo Gadotti (2010), a alfabetização sempre foi um dos grandes desafios dos professores e educadores. Com isso, este autor explica que a alfabetização é um processo considerado complexo e precisa ser focalizado sob dois aspectos que diz respeito à aquisição e o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Para este autor, pedagogicamente, a atribuição de um significado muito amplo à alfabetização seria negar-lhe a especificidade. Assim, os reflexos seriam indesejáveis na caracterização das habilidades básicas de leitura e escrita, bem como na definição da competência em alfabetizar.

A concepção de Piletti e Piletti (2016, p. 46) sobre a alfabetização diz que:

Ela é entendida por muitos tanto em sentido específico (processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita, de representação de fonemas e grafemas e vice-versa) quanto em sua significação ampla (processo de compreensão e expressão de significados através do código escrito). Portanto, a alfabetização significa não somente a aquisição das habilidades do ler e escrever *stricto sensu*, como também o

desenvolvimento da competência no uso da língua escrita como meio expressivo-comunicativo, socialmente determinado, que mantém autonomia em relação à língua oral. A alfabetização constitui-se em um conjunto de habilidades, o que a caracteriza como um fenômeno de natureza complexa, multifacetada. E as facetas analisadas por Soares são a Psicologia, a Psicolinguística, a Sociolinguística e a Linguística. (Piletti e Piletti 2016, p. 46)

Em seu estudo, Gomes (2023, p.22) cita a abordagem Psicológica que, segundo o autor tem direcionado o enfoque de análise às condições prévias para a aprendizagem da leitura e da escrita (percepção do esquema corporal, orientação espaço-temporal, discriminação visual, auditiva, psicomotricidade). Ele lembra ainda os estudos de Emília Ferreiro que destaca a abordagem cognitivista denotando outro tipo de preocupação relacionada com a alfabetização, isto é, com os estágios de conceitualização da escrita, bastante diversa da explicação das disfunções psiconeurológicas, o enfoque cognitivista aproxima-se dos estudos psicolinguísticos.

Por outro lado, tem-se ainda a explicação Psicolinguística que, de acordo com Wolff, Lopes e Pereira (2013, p. 3) busca caracterizar a maturidade linguística da criança para aprender a ler e escrever. Já a abordagem sociolinguística, segundo esses autores, focaliza a alfabetização como um processo que se vincula estreitamente aos usos sociais da língua e destaca as diferenças dialetais. O dialeto da criança pode ou não se aproximar da língua escrita convencional. Por outro lado, os linguistas concebem a alfabetização como um processo de natureza linguística; um processo de transferência da forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita.

Para Kleiman (2010, p.13), a alfabetização, segundo este ponto de vista, significa o progressivo domínio das regularidades e irregularidades da língua. Deste modo, pode-se entender, em um sentido mais abrangente que a alfabetização é um processo ativo de leitura e interpretação incluindo a decifração do código escrito, a compreensão, o estabelecimento de relações e interpretações. É uma prática de construção intelectual que engloba o fato de as crianças conversarem e entenderem sobre a realidade, bem como de se darem conta do que está ao seu redor.

Neste sentido, Russo e Vian (2017, p. 20) abordam diferenças entre a concepção de alfabetização enquanto codificação e quando compreendida, como um sistema de representação. Segundo esses autores, de acordo com a primeira concepção as unidades sonoras são transformadas em unidade gráficas, sendo que a linguagem é reduzida a uma série de sons. Não havendo dificuldades de discriminação visual e auditiva, não existirão, conseqüentemente, problemas de alfabetização. Adquire-

se simplesmente uma técnica. Já quando é compreendida como um sistema de representação, a criança terá que compreendê-lo, entender por que os elementos da linguagem oral (entonação) não são absorvidos na representação, bem como o porquê de as palavras serem tratadas de maneiras equivalentes na representação, mesmo pertencendo a classes diferentes. A apropriação deste novo objeto de conhecimento é uma aprendizagem conceitual.

O processo referente à alfabetização, segundo Gonçalves e Jesus (2015, p.25) torna-se, portanto, indispensável na apropriação da leitura e escrita de modo que as práticas alfabéticas e ortográficas possibilitam aos alunos lerem e escreverem com autonomia, realizando, portanto, o processo de letramento como forma de inserção e também participação da cultura de onde vive e para isso é necessária a aplicação, por parte dos professores, de métodos de alfabetização.

2.1 HISTÓRICO DA ALFABETIZAÇÃO

Segundo os estudos de Mortatti (2006, p.5), os registros das primeiras práticas da educação no Brasil datam da época colonial, no ano de 1554 com a participação dos Jesuítas. Já em 1759, quando estes foram expulsos, as estatísticas apontam que apenas cerca de 0,1% da população tinha uma educação formal, o que foi considerado muito pouco. A partir de 1876, iniciaram as primeiras tentativas para uma organização da Educação Nacional, o que coincidiu com os movimentos pela formação da República. Esta época ficou marcada pela tentativa da implantação dos primeiros métodos de ensino de leitura, baseados em abordagens sintéticas com o uso do método alfabético.

Marcílio (2005, p. 473) ressalta a segunda fase da alfabetização no país, apontando que está iniciou no estado de São Paulo a partir de 1890, com a participação de professores que defendiam a pedagogia e a sua importância, embasados nos métodos de ensino e métodos analíticos. Esta concepção despertou disputas entre grupos de educadores que defendiam esta abordagem e os que defendiam os métodos mais tradicionais, os chamados métodos sintéticos. Assim o termo alfabetização foi criado, mas tendo como foco o ensino da leitura e escrita e está muito relacionada ainda com a caligrafia.

De acordo com Monarcha (2008, p.7), na terceira fase da alfabetização, que iniciou em meados do ano de 1920, os professores passaram a rejeitar de forma

aberta os métodos analíticos aos quais esses profissionais foram obrigados a utilizar nas escolas. Nesta época surgiram os testes ABC e os métodos mistos que mediam o desempenho dos alunos. Entretanto, neste período, o que marcou foi que várias mudanças evidenciaram a pedagogia dependente de aspectos psicológicos, ou seja, uma maior concepção dos educadores sobre questões como: para quem ensinamos? Neste contexto, o embate entre os diferentes métodos, bem como a mistura entre métodos antigos e novos repercutiu com a sensação de certa fragilidade dos educadores que poderiam influenciar de forma direta nos níveis de desempenho dos alunos e isso não surtiu bem na sociedade.

Pedrosa *et al.* (2006, p.26) cita a chamada quarta fase da alfabetização que ocorreu a partir de 1980 com as várias mudanças políticas e sociais que restauraram a democracia no país, surgindo, nesta época o Construtivismo, um tipo de modelo bem distinto do paradigma behaviorista. Esta mudança persiste até a atualidade, influenciando no baixo desempenho dos alunos especialmente por não apresentar um método de ensino aprendizagem estruturado.

Apesar de que na década de 1990 tenha havido um crescimento no sistema educacional brasileiro com a universalização do ensino e o acesso a novas tecnologias, ainda é visto no país um nível muito baixo relacionado a boa parte das escolas, quando se esperava, na verdade, que o sistema de ensino contemplasse um nível mais competitivo diante da globalização e das inovações digitais, fato que ainda não ocorreu (Gomes, 2023, p.33).

Diante do exposto, vários são os métodos de alfabetização e letramento, e cada um possui características inerentes aos seus objetivos, todavia, todos almejam a mesma meta, uma educação de qualidade, sendo que não se possui nesses métodos uma padronização, ou seja, uma obrigatoriedade de uso pelos educadores em sala de aula nas escolas brasileiras.

2.2 MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

Durante o processo de alfabetização é necessário a utilização de métodos que facilitem o ensino aprendizagem. Desta forma, entende-se que o professor é de fundamental importância para o desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos, e assim, possam estes obterem êxito. Nos estudos de Moll (2009, p. 90), “o professor

desempenha o papel de facilitador que, colocando à disposição o material de leitura e escrita, não intervém no ritmo de aprendizagem do aluno.”

De acordo com Gonçalves e Jesus (2015, p. 23), sempre houve a necessidade de se conhecer como é o processo de ensino aprendizagem na prática da leitura e escrita. Assim, com o decorrer do tempo passaram a surgir os métodos de alfabetização com suas regras e estratégias visando a melhoria no aspecto educacional. Esses métodos foram evoluindo com o tempo segundo o avanço das tecnologias e o próprio conhecimento dos professores, bem como das necessidades sociais, passando a exigir uma atenção redobrada por parte do corpo docente. Deste modo, passaram a figurar nas escolas os métodos sintético e analítico.

Alguns métodos, segundo essas autoras, passaram a colocar em risco o processo de ensino aprendizagem por serem inseguros e não garantirem o sucesso no aprendizado, mesmo sendo utilizados em massa e ter contribuído para a educação de centenas de milhares de pessoas em todo o mundo, pois a base do seu uso era a memorização do que era ensinado, colocando, por fim, em cheque a eficácia da qualidade do aprendizado dos alunos.

Soares (2018, p.12) aponta em seu estudo que os métodos para alfabetizar são classificados em Sintéticos no qual constam os métodos Alfabético, Fônico e Silábico e os métodos Analíticos, tem-se o método de Palavras, de Sentencição, Global de Contos, Natural e o de Imersão possuindo diferentes nuances, podendo também ser intercalados segundo o desejo ou a necessidade dos professores.

Os métodos sintéticos, segundo a autora, costumam ser utilizados desde suas partes até o seu todo. Neles, utilizam-se os princípios organizativos de forma diferenciada, privilegiando as correspondências fonográficas. Isso é visto, por exemplo, no método alfabético que parte do princípio do significado de cada letra, já o fônico utiliza como unidade o fonema, o silábico tem como base o uso do segmento fonológico primando-se da sílaba com processos que facilitam sua pronúncia. Assim, o uso desses métodos se dá segundo a estratégia de cada professor, bem como seu objetivo em sala de aula (Soares, 2020, p.387).

Segundo Gonçalves e Jesus (2015, p.26), o método denominado sintético tem como base o behaviorismo, sendo então considerado antigo, simples e rápido no que diz respeito à alfabetização, ao passo que pode ser aplicado a todos os tipos de crianças. Ele consiste no aprendizado da relação entre o que é oral e escrito, ou seja, entre o som e a grafia das palavras. O ensino deste método diz respeito a iniciar com

um grau de dificuldade pequeno chegando-se até um grau mais complexo no qual as crianças passam a dominar o alfabeto letra por letra, depois sílaba por sílaba e por último palavra por palavra até chegar a frases e textos.

Segundo Kramer (2022, p.17) o aprendizado através do método sintético é realizado através das práticas da memorização e da repetição, o que acaba, de certa forma, prejudicando o desempenho dos alunos, impedindo com que os mesmos consigam agir e pensar por si só, ou seja, a produzir textos e ampliar seus conhecimentos por meio da sua imaginação, pois como aprendeu através de regras, elas são seguidas passo a passo trazendo, portanto, um aprendizado limitado, segundo o autor. Diante disso, os alunos passam a ter dificuldades de compreensão e produção de textos, de modo que a motivação e o prazer pela leitura e produção textual torna -se pouca, pois eles percebem que não dominam as práticas da leitura e escrita, não possuindo, por exemplo, vocabulário rico o suficiente para produzirem textos de qualidade.

Tendo em vista que, a grande maioria dos professores utilizam os métodos de alfabetização, com engessamento, conforme nos aponta Moll (2009):

Do ponto de vista pedagógico apesar de reconhecermos o avanço dos métodos analíticos em relação aos sintéticos, a preocupação “obsessiva” de grande parte dos educadores com escolha de um ou outro método/processo de ensino da língua escrita tem esvaziado seu conteúdo enquanto objeto sociocultural, ao mesmo tempo tem ignorado a realidade contextual dos alunos (Moll, 2009, p. 61)

Ainda nesse método, de acordo com Soares (2020, p.20), pode-se encontrar alguns conceitos positivos, como os de alunos adquirem a ortografia perfeita por ser um ensino de regras e repetições, ele consegue com o tempo fazer sua tarefa sozinho, e por fim, permitir a compreensão da língua.

2.2.1 OS MÉTODOS SINTÉTICOS

• Método Alfabético

De acordo com Frade (2015, p.23), o método alfabético é o mais antigo dentre os métodos sintéticos, sendo, segundo consta a história, um dos mais utilizados em massa até o início do século XX. Este método, segundo o autor, consiste na prática de o professor apresentar letras do alfabeto, ou partes mínimas da escrita que passam

a se juntarem com outras partes formando, portanto, sílabas que dão origem às palavras, conforme consta na Figura 1.

FIGURA 1 – Apresentação do método Alfabético.



Fonte: Frade, 2015, p. 37.

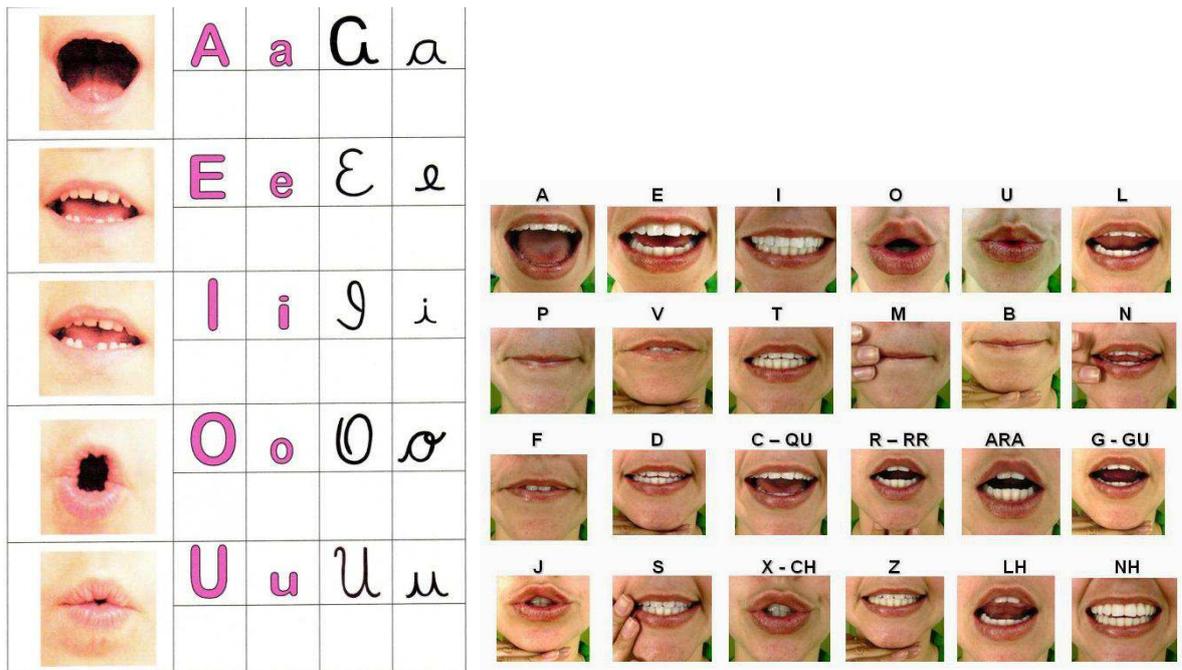
Neste tipo de método, os alunos devem primeiro decorar as letras do alfabeto, para depois poderem encontrar as partes que formam as sílabas ou outros segmentos das palavras. Após este entendimento, eles passam a reconhecer os elementos formadores das palavras. O uso de imagens também auxilia nesta compreensão, conforme a figura demonstra.

Soares (2020, p.32) explica que mais tarde, a prática da soletração foi agregada a este método, gerando, por vezes, exercícios cansativos em sala de aula, muitos deles com o uso de canções, as chamadas “cantilenas” que utilizavam os nomes das letras e também as suas combinações silábicas. Tais atividades, segundo a autora, não tinham muito sentido, porque segundo sua concepção, os alunos demoravam a reconhecer o real significado das palavras diante do método considerado, hoje, arcaico, mas que ainda é utilizado em algumas escolas por professores sem a devida atualização.

• Método Fônico

Frade (2015, p.25), explica em seu estudo que este tipo de método, também sintético tem como função ensinar para os alunos a relação entre o som e as letras, primando por estes relacionarem a palavra enunciada de forma oral com a escrita desta, conforme consta na Figura 2.

FIGURA 2 – Ilustrações referentes ao uso do método fônico.



Fonte: Frade, 2015, p. 39.

Koloski e Rodrigues (2023, p.327) explicam em seu estudo que vários países desenvolvidos no mundo utilizam como base da alfabetização de crianças o método fônico, nos quais tem-se o Canadá, a Finlândia, a Austrália, a Inglaterra, a Irlanda, a Escócia, a Bélgica, a Suécia, a França, a Noruega, os Estados Unidos, a Espanha, a Itália, a Dinamarca, a Alemanha, também Israel, Cuba e Portugal. No Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) a escolha do método de alfabetização é o global, no qual tem-se a concepção de que este método, apesar de usado por alguns professores, não tem apoio governamental.

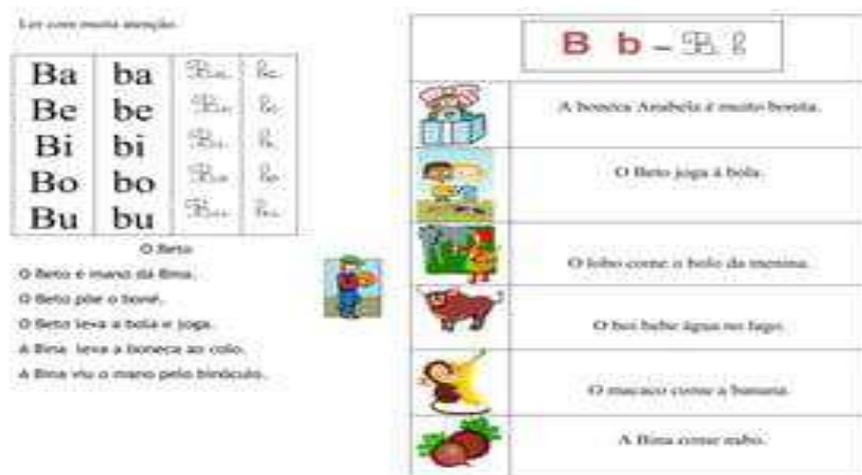
O método fônico é caracterizado pelo ensino da forma e o som das vogais, depois consoantes para que logo em seguida sejam ensinadas as suas relações entre si, que formam sílabas, palavras e frases. Deste modo, os alunos passam a reconhecer o som de cada letra, juntando-a com outros sons, formando sílabas e palavras.

Neste processo, existe um tipo de sequência que deve então ser respeitada, partindo-se das relações diretas entre os fonemas e grafemas para então compreender as suas relações mais complexas. Neste contexto, o principal objetivo deste método de alfabetização é a aprendizagem relativa entre o fonema e o grafema (Soares, 2020, p.32).

• Método Silábico

Gomes (2023, p. 33) aponta o estudo de Felisberto de Carvalho, autor da obra “O método silábico”, de 1958, no qual Carvalho defende a tese de que (na época), o método silábico seria o método considerado mais eficaz para as práticas do ensino da leitura e escrita. Neste método, segundo este autor, as crianças aprendem as sílabas e a sua posição em relação às palavras, no qual os professores demonstram a sua função e representação. Isso faz com que as crianças aprendam o significado das sílabas e como elas podem ser aplicadas nos processos de leitura e escrita.

FIGURA 3 – Aplicação do método silábico.



Fonte: Frade, 2015, p. 42.

Existe uma lógica, segundo Gomes (2023, p.35) no uso do método silábico, pois considera-se que seu uso é rotineiro nas escolas, logo quando as pessoas falam, pronunciam as sílabas e não as letras ou seus sons de forma separada. Assim, ele pode ser utilizado com sucesso pelos professores aos seus alunos através de cartazes, livros, também fichas de leitura silábica, apostilas e vídeos, auxiliando no processo de ensino aprendizagem.

2.2.2 OS MÉTODOS ANALÍTICOS

Os métodos analíticos partem do todo, completo, para as partes menores, separadas. Eles vão de encontro, ou seja, em oposição aos métodos sintéticos e buscam romper os conceitos da decifração. Ele prima por fazer com que os alunos aprendam o real

sentido de um texto, mas não ensina a leitura por meio da silabação, entretanto, possui o potencial de incentivar os alunos quanto à produção de textos valendo-se do uso correto da pontuação, estimulando, portanto, a leitura, o que deixa os alunos à vontade para exporem suas ideias (Pedrosa *et al.*, 2023, p.25).

Russo e Vian (2017, p.30) explicam que na ótica linguística, a partir do uso deste método, os professores devem iniciar seu ensino por um nível considerado menos complexo para que depois passe a níveis mais avançados, logo, a língua oral é diferente da escrita e as crianças no início da sua aprendizagem ainda estão se baseando na língua oral para então desenvolverem a escrita, criando, portanto, na maioria das vezes, uma confusão na cabeça das crianças.

A Figura 4 demonstra a utilização do método analítico de alfabetização.

FIGURA 4 – Uso do método analítico de alfabetização.



Fonte: Frade, 2015, p. 44.

Frade (2015, p. 30) destaca em seu estudo que o método analítico é constituído pela prática da palavração que é a leitura de palavras por palavras, trabalhando, portanto, com elementos isolados, não favorecendo uma maior compreensão dos textos, tornando-se, na maioria das vezes, cansativa e desestimulante por criarem dificuldades para que as crianças entendam os textos por completo.

Pedrosa *et al.* (2023, p.32) consideram que dentro do método analítico existem ainda três métodos de alfabetização que são o global, o de sentencição e o de palavração. O método global consiste na utilização de pequenas histórias no qual os professores auxiliam os alunos a separar o texto em frases, as frases em palavras e por último as palavras em sílabas no qual tem-se o objetivo de formar novas palavras com as sílabas que foram então aprendidas. Já o método de sentencição parte da

prática da leitura global e a compreensão das sentenças presentes no texto, ou seja, as frases e logo após a decomposição das palavras até se chegar às sílabas. Por último tem-se o método de palavrção no qual parte-se do princípio da análise das palavras que são então retiradas de um texto, logo após agrupadas e depois apresentadas aos alunos que aprendem a relacioná-las com imagens, passando a entender a sua função.

Soares (2020, p.22) explica que é importante que os professores saibam reconhecer a diferença entre o método sintético e o analítico de alfabetização, no qual os sintéticos iniciam geralmente com a leitura dos elementos gráficos primando-se alcançar a leitura total das palavras no qual tem-se os tipos alfabético, fônico e silábico. Por outro lado, os métodos analíticos iniciam a partir da leitura das palavras, frases ou contos até o pleno reconhecimento dos elementos gráficos que são as sílabas e as letras.

A Figura 5 demonstra a diferença entre os métodos de alfabetização sintéticos e analíticos.

FIGURA 5 – Diferença entre os métodos de alfabetização sintéticos e analíticos.



Fonte: Frade, 2015, p. 48.

De acordo com Wolff, Lopes e Pereira (2023, p.35), não importa o método que os professores utilizam para a alfabetização, pois as dificuldades de aprendizagem

abrangem diversos aspectos, não só relacionadas com habilidades dos alunos, mas também o tipo de metodologia utilizada no contexto escolar em que essa criança está inserida. Assim, durante o processo de alfabetização é difícil e desafiador na vida da criança, sendo considerado normal que ela encontre dificuldades ao longo desse período.

Nesta perspectiva, sabendo-se dessas diferenças, torna-se importante ressaltar que os docentes incentivem a autonomia dos alunos em relação aos métodos de aprendizagem. Dessa forma é indispensável que os professores tenham uma formação continuada para que aprendam a fazer uso de diversas metodologias e práticas pedagógicas quantas vezes forem necessárias, a fim de garantir e facilitar o processo de ensino aprendizagem dos seus alunos (Cruz, 2023, p.10).

3 TEORIAS DA APRENDIZAGEM E O ENSINO DA LEITURA E ESCRITA

As teorias de aprendizagem ajudam a explicar a dinâmica do ensino e da aprendizagem de forma a melhorar o entendimento dos métodos de alfabetização mais eficazes para o desenvolvimento da criança.

As teses relacionadas com o ensino da leitura e escrita estão embasadas nos pressupostos da aprendizagem que enfatizam o uso de modelos ou tipos de padrões visando explicar e tentar provar um determinado processo de aprendizagem das pessoas. Diante do uso das teorias, os educadores passam a praticá-las, segundo a sua concepção e objetivos tendo como finalidade melhorar a interatividade entre eles e os educandos, sendo este é um aspecto muito relevante para se obter uma qualidade nos processos de ensino aprendizagem em sala de aula (Chraim; Pedralli, 2023, p.5).

Dentre as teorias da aprendizagem, tem-se o Empirismo ou Ambientalismo, o Racionalismo, e a teoria ambientalista ou empirista com o Behaviorismo, dividido em behaviorismo metodológico e o radical, as teorias racionalistas: Inatismo, Interacionismo, Construtivismo, Socioconstrutivismo, as teorias de Transição entre o Behaviorismo Clássico e o Cognitivismo, tal como a Teoria de processamento da informação, as teorias Humanistas, tais como o Humanismo, a Teoria da aprendizagem transformadora, a Teoria da aprendizagem experiencial, a Teoria Cognitiva como a Aprendizagem significativa, sendo que todas elas influenciaram direta e indiretamente vários educadores a implantarem esses modelos em sala de

aula sempre buscando melhorar a qualidade da educação nacional (Fuentes, 2020, p.15).

Neste contexto, vários são os autores que defendem as teorias e concepções sobre as metodologias da aprendizagem relacionadas com o ensino da leitura e da escrita dentre eles cita-se a seguir o que cada um contribuiu para que os educadores pudessem utilizar em sala de aula seus conhecimentos e assim difundir essas práticas para seus alunos no qual se tem.

Para Fogolari (2004, p. 40), “A leitura é, um processo que habilita os indivíduos a lidar com o vasto armazenamento de ideias derivados do conhecimento do passado de uma coisa ou de um evento particular, permitindo, portanto, compreender o sentido das situações”, daí a necessidade de os professores desenvolverem a compreensão sobre o significado do ato de ler para só depois buscarem ações que estimulem o processo de aprendizagem dos alunos.

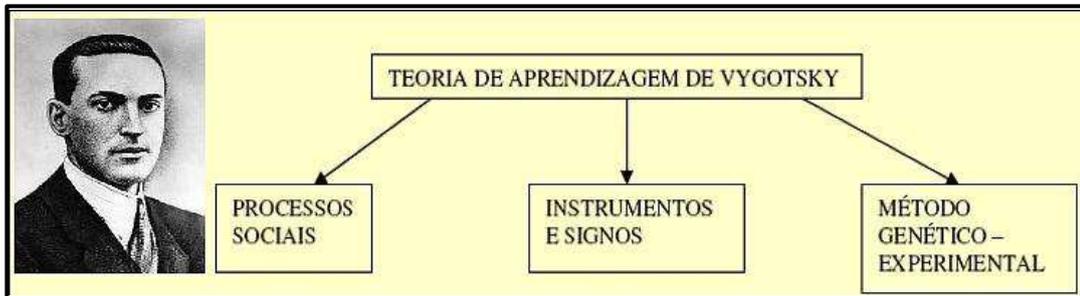
Segundo Santos *et al.* (2021, p.10), Lev Vygotsky tinha apreço pela teoria histórico-cultural, que tem como característica o conhecimento com que as pessoas conhecem o mundo, no qual segundo este, elas fazem uso dos processos mentais superiores tendo como base a percepção do ambiente, a resolução dos problemas, bem como as tomadas de decisões, o processamento das informações e a compreensão. Vygotsky utilizava o Construtivismo, que prima pela capacidade de os indivíduos serem capazes de interpretar e de representarem o mundo, e não apenas de responder a ele. Lev Vygotsky foi um professor judeu russo formado em Psicologia que fundou a Psicologia Histórico-Cultural, que também é conhecida como Psicologia Sociointeracionista, Psicologia Interativista Sociocultural ou, Teoria Histórico-Social. Ele é considerado o primeiro psicólogo da Era Moderna a ressaltar que o homem se integra à cultura através da atividade cerebral que é então estimulada pela interação entre os parceiros sociais sendo está mediada pela linguagem. A linguagem, por sua vez, é a ferramenta que faz com que os indivíduos sejam verdadeiramente chamados de humanos (Camillo, 2022, p.21).

Santos *et al.* (2021, p.25) aponta ainda que Vygotsky defende sua teoria do aprendizado afirmando que o indivíduo não pode ser separado dos contextos histórico, cultural e social pelo qual está inserido. Deste modo, para que este aprenda, elabore conhecimentos e se autoconstrua, as pessoas precisam interagir umas com as outras com o meio e com a cultura à qual está inserida. Para Vygotsky, é por meio das relações sociais que se pode adquirir o aprendizado através do processo de

mediação, que é então definida pelas ações que se interpõem entre o sujeito e o objeto da aprendizagem.

A Figura 6 ilustra a Teoria da Aprendizagem de Vygotsky.

FIGURA 6 – Teoria da aprendizagem de Vygotsky.



Fonte: Mendes, 2022, p. 6.

Segundo Mendes (2022, p.26), a Teoria da aprendizagem de Vygotsky está embasada na prática da interação e para que esta ocorra, é necessário o uso de instrumentos que são criados pelas sociedades em todo o percurso da história da humanidade. Vygotsky aponta que esses instrumentos são responsáveis pela mudança relativa à forma social, ao nível de desenvolvimento cultural e dos signos, segundo este autor, são definidos pela linguagem, escrita e pelo sistema numérico. A utilização desses instrumentos é que diferencia os homens dos outros animais, sendo estes defendidos também por Engels e Marx que influenciaram Vygotsky na sua teoria cujo o propósito é avaliar todos os processos mentais que estão envolvidos na compreensão do mundo pelas pessoas. Jean Piaget, também contribuiu muito para a aprendizagem com a teoria piagetiana, focada no desenvolvimento infantil. Afirmando que para aprender, o sujeito precisa interagir com o ambiente no qual está inserido e com seu objeto de estudo.

Lima e Monteiro (2024, p.13) destacam Jean Piaget como um dos teóricos que mais contribuíram para os processos de ensino aprendizagem, pois este buscava demonstrar como a psicologia era o caminho mais viável para o conhecimento, sempre tentando compreender o chamado sujeito epistêmico. Ele utilizou testes com bebês e crianças desenvolvendo um conceito de aquisição de aprendizagem que partia de questionamentos sobre a possibilidade de indivíduos alcançarem níveis mais altos de conhecimento a partir de níveis menores. Assim, Piaget considerava que o conhecimento não era uma herança dos pais, ou seja, genética, mas sim, ocorrida a

partir de ações, atividades e interações dos sujeitos com o ambiente em que vivia, em outros termos, qualquer indivíduo pode construir seu conhecimento e assim tornar-se inteligente a partir de suas experiências vivenciadas.

Souza (2024, p.12) aponta em seu estudo que a teoria de Piaget contempla três passos significativos para que os indivíduos alcancem o conhecimento- a assimilação- indica que toda e qualquer informação nova é assimilada às outras já existentes na mente. Tem-se, ainda, a acomodação- uma maneira de os indivíduos ajustarem o modo de agir em razão do conhecimento adquirido, no qual precisa acomodar e se adaptar ao novo e, por último, a reequilibração que segundo Piaget, com a nova informação então assimilada e a partir da acomodação desta, este novo conhecimento ganha seu devido lugar em meio a outros tantos aprendizados já adquiridos pelo indivíduo.

Sertori (2021, p.33) explica que Piaget passou décadas trabalhando e buscando descobrir como, durante o processo de desenvolvimento humano as pessoas passam de um nível menor de conhecimentos para um nível maior, no qual baseou-se no Construtivismo e chegou à conclusão de criar a chamada teoria da Epistemologia Genética, que, para ele, é responsável por estabelecer o caminho, trilha da inteligência, partindo do pensamento mais básico da criança até chegar a um raciocínio abstrato de um homem já adulto. Deste modo, este autor enfatiza que o trabalho de Jean Piaget consistiu em resultados relacionados com a prática do pensar humano tendo como base uma perspectiva biológica, psicológica e lógica no qual desenvolveu sua teoria dividida em fases ou estágios de desenvolvimento das pessoas apontando suas capacidades e aprendizados em cada um.

Jean Piaget classifica as fases de acordo com a idade das crianças de modo que, as capacidades de aprendizagem condizem com sua faixa etária. Assim, o desenvolvimento cognitivo começa desde o nascimento da criança e se divide em 04 estágios: sensório-motor, pré-operatório ou simbólico, operacional concreto e operacional formal. Dessa forma, Piaget busca entender como a criança constrói o conhecimento afim de ajudar no planejamento de atividades que sejam apropriadas para os níveis de conhecimento de cada criança, a fim de facilitar o processo de aprendizagem da mesma.

A Figura 7 demonstra as fases ou estágios de desenvolvimento segundo Jean Piaget.

FIGURA 7 - Estágios de desenvolvimento segundo Jean Piaget.

Fases	Idades	Capacidades	Exemplos
Sensório-motor	0 a 2 anos	Conhecimento do mundo advindo da exploração com as habilidades motoras	Jogar coisas, levar objetos à boca, enconstar em tudo
Pré-operatório ou simbólico	2 a 7 anos	Uso de símbolos (linguagem), relaciona-se por meio de sua perspectiva individual	Palavras sendo ditas
Operacional concreto	7 a 12 anos	Empatia, início de raciocínio lógico, operações mentais, estabelece relações entre conceitos aprendidos	Menor egocentrismo, chega a conclusões sozinha
Operacional formal	A partir de 12 anos	Pensamento abstrato, especulação, formação de hipóteses, raciocínio dedutivo, planejamento	Explicar completamente o que pensa e observa

Fonte: Souza, 2024, p. 9.

Souza (2024, p.15) aponta que a teoria de Jean Piaget ainda hoje é utilizada nas escolas e tem grande significância e importância dentro da sala de aula, apesar deste não ser o único teórico que contribuiu para os processos de ensino das crianças em todo o mundo. Os autores Jean Piaget e Lev Vygotsky reforçavam a importância da afetividade durante o processo de aprendizagem. Porém, em suas teorias não focaram tanto neste aspecto. Foi o educador Henri Wallon que se dedicou e aprofundou mais seus conhecimentos sobre a importância da afetividade para o desenvolvimento integral da criança. Henri Wallon, Filósofo e Médico francês, nasceu em 1879 e morreu em 1962, viveu em uma época conturbada presenciando as duas grandes Guerras Mundiais dedicando-se a questões educacionais sendo assumidamente um crítico do ensino tradicional francês, vindo a criar uma teoria voltada para a afetividade que divide o desenvolvimento da inteligência das pessoas em cinco etapas, que são: a impulsivo-emocional; a sensório-motor e projetivo; o personalismo; a categorial; e a puberdade e adolescência. Durante esse processo, a afetividade tem estreita relação com a inteligência se alternando no processo de desenvolvimento dos indivíduos (Sertori, 2021, p.13).

Oliveira (2024, p.180) destaca que a teoria Walloniana procura afirmar como a afetividade contribui para a aprendizagem e é expressada de três formas: por meio do sentimento, da emoção e da paixão que surgem durante a vida dos indivíduos apresentando uma evolução a partir da infância caminhando da fase sincrética até o diferencial, no qual a emoção, por exemplo e, segundo Wallon, é a primeira expressão que aponta a afetividade nos indivíduos, não sendo controlada pela razão. As autoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky desenvolveram a teoria da psicogênese da língua escrita, que trouxe várias contribuições para a alfabetização e revolucionou a forma de compreender este processo. Essas autoras, segundo Oliveira (2021, p.184) criaram a Teoria da Psicogênese da Escrita, no qual segundo essas autoras, os alunos passam por quatro tipos de períodos possuindo diferentes explicações ou hipóteses para explicar o funcionamento da escrita alfabética, que são o período pré-silábico, o silábico, o silábico-alfabético e o alfabético.

A Figura 8 demonstra os quatro períodos da escrita segundo a Teoria de Ferreiro e Teberosky.

FIGURA 8 – Períodos da escrita.



Fonte: Oliveira, 2021, p. 19.

Com relação à leitura, os estudos de Ferreiro e Teberosky, segundo Oliveira (2021, p.186) tem a ver com a sequência utilizada pelas crianças para a leitura.

A conclusão das pesquisas dessas autoras apontou que não adianta as crianças aprenderem somente orientações básicas como a regra de que se lê da esquerda para a direita e de cima para baixo, as pesquisadoras discutem que elas precisam saber primeiramente o que é direita, esquerda, e as direções acima e abaixo. Assim, observou-se que crianças na faixa etária de até 4 anos, não possuem ainda essa noção, sendo essencial a orientação advinda dos professores para que possam então, compreender os passos antecessores a prática da leitura.

A professora, Magda Soares contribuiu para o desenvolvimento de muitas crianças através de seus estudos na área da alfabetização e letramento. Sobre as práticas de ensino de leitura e escrita, Magda Soares aponta três tipos de aprendizagens que se apresentam como se fossem camadas sobrepostas que diz respeito a aprender como funciona o sistema da escrita alfabética, utilizar a escrita na leitura para produzir textos e a relação da escrita nos contextos sociais e culturais. Esta autora prioriza o texto como sendo um tipo de eixo central desse processo (Oliveira, 2021, p.188).

Em sua teoria, um indivíduo letrado não deixa se limitar a apenas ler e escrever, mas sim à capacidade de usar essas práticas para as atividades sociais, sendo, portanto, essencial que os educadores ensinem as crianças a ler e escrever de modo que essas habilidades sejam, em toda a sua vida, empregadas socialmente (Soares, 2020, p.12). Paulo Freire, desenvolveu o Método Freire que se baseia na relação entre professores e alunos, na troca de experiências para construção do conhecimento. Ou seja, professor e aluno estão constantemente trocando conhecimentos para o desenvolvimento da aprendizagem e não existe uma hierarquia na sala de aula.

De acordo com Zuin e Mello (2021, p.4) Freire tinha a concepção de que o processo educacional teria de ser orientado objetivando a cidadania, levando em conta especialmente a realidade que os estudantes passavam e a comunidade escolar. Para ele, a educação teria de ser libertadora, ou seja, primando despertar a consciência dos alunos principalmente para as injustiças sociais, bem como as relações de opressão que ocorrem nos ambientes de trabalho.

Com relação às práticas da leitura e escrita, segundo Britto e Di Giorgi (2022, p.3), Paulo Freire possuía uma visão muito particular sobre essas atividades. Ele considerava-as como um tipo de ato criador, um processo fundamental para a vida das pessoas. Para Freire, o processo de alfabetização é considerado um ato criador, no qual o sujeito analfabeto passa a compreender a necessidade e a importância da

leitura e escrita, logo isto implica, segundo este estudioso, em uma compreensão mais crítica da sua realidade e a que o cerca, pois, a leitura de mundo precede a leitura da palavra.

Zuin e Mello (2021, p.5) apontam outras falas e concepções de Freire no qual tem-se: “A leitura deve ser lúdica, para que os alunos absorvam o conteúdo e não o memorizem. ” “O domínio do uso social da escrita é transformador, humanizador e emancipador. ” Assim, segundo esses autores, o método de Paulo Freire estimula principalmente a alfabetização dos adultos através de discussões relacionadas com suas experiências de vida. Deste modo, as palavras que são utilizadas na realidade desses indivíduos são então decodificadas para que estes possam passar a compreender melhor o mundo e então poder adquirir a palavra escrita.

Britto e Di Giorgi (2022, p.26) referem também que Freire considerava ainda que o mundo digital, uma novidade tecnológica, deveria ser um objeto, uma ferramenta a ser utilizada no processo de alfabetização. Para ele, para os indivíduos participarem do mundo digital tem-se a exigência de um tipo de aguçamento maior relacionado ao senso crítico e à compreensão desses instrumentos.

Apesar de não ser devidamente valorizado no Brasil, o Método Paulo Freire é bastante utilizado em vários países, como no caso da Alemanha, sendo este empregado principalmente para o ensino do idioma alemão para melhor integrar os estrangeiros.

Para Saviani (2019, p.28), a educação é como um trabalho não material de forma que o produto não se separa do ato de produção. Ele defende a importância de o professor saber lidar com os conhecimentos que já existem, fazendo uma separação pedagogicamente relevante do que não é, desta forma o conhecimento deixa de ser apenas uma transmissão. Demerval Saviani é um Filósofo e Pedagogo que viabilizou a teoria chamada Teoria da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC) este pressuposto valoriza os processos da leitura e escrita apresentando cinco etapas, que segundo este transformam o indivíduo e a sociedade, são elas: a prática social, a problematização, a instrumentalização, a catarse e a prática social, exatamente nesta ordem (Silva; Morato; Fernandes, 2021, p.30).

Saviani (2019, p.15) em sua teoria defendia o pleno acesso ao conhecimento de forma sistematizada, pois acreditava que a compreensão era tida como um instrumento de transformação e reflexão da sociedade. Segundo ele, os professores devem atuar de forma crítica segundo os conhecimentos disponíveis, tendo a

necessidade de distinguir entre o que é pedagogicamente relevante e o que não é. Para este autor, a leitura e a escrita são práticas que são responsáveis por desempenhar um papel social muito importante, e não apenas para obtenção e transmissão de informações. Ele acredita ser a leitura uma atividade individual proporcionadora da assimilação do conhecimento, enquanto, que a escrita é uma atividade na qual o indivíduo exterioriza seu pensamento. O autor Libâneo defende que os alunos devem construir seu próprio conhecimento e que os mesmos devem ser incentivados a explorar e questionar a cerca de seus interesses. Dessa forma, o aprendizado é um processo colaborativo em que o professor se concretiza no principal facilitador durante o processo.

De acordo com Suanno, Chaves e Rosa (2020), José Carlos Libâneo é considerado como um dos maiores pensadores brasileiros que defendeu a inserção da literatura na educação do país. Ele acreditava que esta seria uma ferramenta muito importante para o desenvolvimento de habilidades relativas à análise crítica e à empatia nos alunos. Libâneo tinha a concepção de que a Literatura poderia ser perfeitamente integrada ao currículo escolar de maneira interdisciplinar, pois através dela pode-se abordar questões éticas, sociais e culturais. O pensamento de Libâneo discutia a prática da leitura de obras literárias como forma de enriquecer a compreensão dos alunos acerca de vários assuntos, o que promovia, desta forma, uma melhor aprendizagem com mais significância e de forma mais profunda (Santiago, 202, p.13).

Suanno, Chaves e Rosa (2020, p.34) destacam em sua pesquisa sobre os estudos de Libâneo cuja dissertação traz a concepção de que a prática educacional deveria ser embasada em um conjunto de processos, ações e influências que pudessem intervir de forma positiva no desenvolvimento humano. Já com relação à aprendizagem da leitura e escrita, ele acreditava serem estas concebidas de forma gradual e não através de um processo natural, como é o que acontece com relação à aquisição da linguagem oral. Deste modo, Libâneo julgava que para aprender a ler e a escrever, os alunos precisavam participar de situações provocativas à necessidade de reflexão e enfrentamento de desafios.

Para Miguel Arroyo (2023, p.18), o conhecimento faz parte da cultura, porém a cultura é mais do que conhecimento. Por isso, ele ressalta importância de que os currículos devem ser pensados como síntese da cultura. Formado em Sociologia, Miguel Gonzalez Arroyo nasceu na Espanha no ano de 1935, sendo um grande

defensor da educação integral. Arroyo veio ao Brasil no fim da década de 1950 escapando da ditadura de Franco. Em Minas Gerais, Arroyo foi professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) acompanhando várias propostas educativas da rede estadual e municipal no qual sua ideia era centrada principalmente na cultura escolar, bem como na educação popular, na gestão escolar, na profundidade do currículo e na educação básica (Lima; Machado; Paiva, 2023, p.24).

A teoria de Arroyo diz respeito à inserção da escola integral no país, pois segundo sua concepção: “Um sistema integral na educação consistiria então em formar sujeitos humanos”, pois “a condição humana é o mais sério da nossa vida” (Arroyo, 2021, p. 20). O autor Antônio Nóvoa defende a valorização do professor, ao invés de tentar substituí-los por tecnologias. Desta forma, a educação depende da relação entre professor e aluno. Nascido em Valença do Minho em Portugal em 1954, Antônio Manuel Sampaio da Nóvoa é um pedagogo professor doutor em Ciências da Educação, ele acredita ser a prática da leitura o meio que permite a liberdade, pois sem ela as pessoas ficam excluídas dos mundos infinitos que somente os livros podem abrir (Boto, 2018, p.13).

De acordo com Cardoso *et al.* (2022, p.16), Nóvoa tem a concepção de que as práticas da leitura e escrita só poderão alcançar o sucesso se o relacionamento entre os professores e alunos forem fortes, pois isso cria um ambiente propício para a aprendizagem. Ele crê que quando há uma conexão entre ambos, promove-se a confiança, eleva-se a motivação e o envolvimento de forma ativa de todos os envolvidos no processo de aprendizagem. Outra teoria de Nóvoa diz respeito ao uso da tecnologia, pois segundo este teórico, com o advento da era digital, a tecnologia veio a desempenhar um papel muito crucial na área da educação, o que proporciona mais oportunidades de acesso aos alunos e uma imensidão de informações que podem servir de aprendizado.

Entretanto, nem todos os alunos possuem acesso a esses recursos, o que é um desafio a ser transposto, pois alunos desfavorecidos, principalmente de áreas mais pobres e remotas do país, sem acesso à tecnologia e conectividade à Internet estão em desvantagem em relação aos outros que a tem. É esta divisão digital aponta as desigualdades educacionais que dificultam e incapacitam boa parte de alunos que assim como os outros possuem capacidades para aprenderem.

4 O PAPEL DO PROFESSOR NA CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

O papel do professor no processo de alfabetização é de fundamental importância na construção do conhecimento, pois ele deve promover possibilidades, compreender as dificuldades, promovendo as práticas pedagógicas dentro e fora da sala de aula.

Segundo Ferreira (2016, p.25), a alfabetização é entendida por muitos tanto em sentido específico (processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita, de representação de fonemas e grafemas e vice-versa) quanto em sua significação ampla (processo de compreensão e expressão de significados através do código escrito). Portanto, a alfabetização significa não somente a aquisição das habilidades do ler e escrever *stricto sensu*, como também o desenvolvimento da competência no uso da língua escrita como meio expressivo-comunicativo, socialmente determinado, que mantém autonomia em relação à língua oral. A alfabetização constitui-se em um conjunto de habilidades, o que a caracteriza como um fenômeno de natureza complexa, multifacetada. E as facetas analisadas por Soares são a Psicologia, a Psicolinguística, a Sociolinguística e a Linguística.

Com relação ao papel do professor na construção do processo de alfabetização, Schuchter e Lomba (2022, p. 30) ressaltam que este profissional ainda se faz, na prática, como ator principal no processo de ensino aprendizagem. Ainda que a nova tomada de consciência vise garantir a autonomia do estudante na construção de seu conhecimento, o aluno ainda transita em atender as exigências e repetir as lições passadas por seu “mestre”, incluindo nas avaliações. Ressalta-se ainda que:

O professor alfabetizador deve estar sempre disponível para aguçar a sensibilidade e a atenção das crianças para o material de fato relevante e preparar a situação em que elas possam participar ativamente desse trabalho de construção de hipóteses (Franchi, 2012, p. 206).

Contudo, a dificuldade de alfabetização encontra grandes desafios, acresce-se a baixa carga horária disponibilizada aos professores para o planejamento e formulação de sua didática, além da extensa matriz curricular (com cronograma estático), falta de recursos didáticos e grande número de alunos por sala de aula. Ademais, taxa representativa dos alunos mostram dificuldades em relação à aprendizagem, e os professores nem sempre são preparados para considerar e ter o

correto tratamento para essas particularidades. Ainda, que nem todas as causas possam ser determinadas, a falta da estrutura básica do ensino é um importante fator a ser considerado.

Gatti *et al.* (2019, p.43) lembra os escritos de Saviani e Nóvoa sobre alfabetizar, ou seja, ensinar a leitura e escrita é mais que apenas decodificar as letras, palavras, é um ato filosófico e social, pois a docência há tempos deixou de ser apenas uma ação espontânea, em outros termos, que pode ser somente desenvolvida por intuições dos aprendizes, passando a se tornar campo de ação baseado em fundamentos histórico-psicológicos, filosófico-sociais e de práticas que demandam o domínio amplo de conhecimentos integrados a vários conhecimentos científicos e humanistas primando para uma ação educacional mais voltada às novas gerações, no qual tecnologias, linguagens e estruturas interpretativas passaram a constituir seu cerne.

Britto e Di Giorgi (2022, p.21), por sua vez, lembram os escritos de Paulo Freire ao citar em várias de suas obras que a educação é uma prática libertadora, diferente daquela que é prática de dominação. Deste modo, Freire destacava o sentido da alfabetização, que para ele, o sentido de aprender está intrinsecamente relacionado com o objetivo de poder agir no mundo e para o mundo, de modo a poder modificá-lo através da educação e em tudo isto está presente o professor na sua construção.

Neste contexto, Gatti (2019, p.14) aponta como de grande relevância e importância, a formação dos professores que atuam na educação básica, ou seja, os que alfabetizam referindo que esses profissionais necessitam conhecer a sua função e missão diante do ato de educar, pois quando muitos destes ainda estão no curso de graduação não sabem sequer o que querem fazer ao se formarem, apontando fragilidades com relação ao seu futuro e ao de seus educandos.

Brandt, Magalhães e Silva (2021, p.19) chamam a atenção para este detalhe ressaltando sobre a participação dos professores em cursos de extensão, pós-graduação, de mestrados profissionais que são destinados exatamente para professores da educação básica, pois eles ampliam os conhecimentos desses profissionais para todos componentes curriculares necessários para o sucesso na alfabetização e educação como um todo.

Ceron (2023, p.4) cita em sua pesquisa sobre a atuação dos professores na construção dos processos de ensino aprendizagem as funções desses profissionais no qual destaca a criação de possibilidades e promoção de práticas pedagógicas que

vão muito além da sala de aula, a alfabetização dos alunos através da prática do letramento, a identificação das necessidades individuais de cada aprendiz, a oferta de suporte e *feedback* construtivo, além de orientações para que seus alunos possam transpor desafios e assim alcançar seus objetivos, também o ensino para que estes possam ter pontos de vista diferentes em relação à leitura e na escrita, o acolhimento das crianças, o respeito de suas singularidades e a possibilidade do avanço relativo ao desenvolvimento destas por meio do diálogo primando o sucesso educacional relacionado à alfabetização e letramento.

De forma legal, o governo brasileiro vem realizando esforços ao longo das décadas relacionados com a educação, no qual a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) aponta a prática da alfabetização plena e a capacitação gradual para a leitura como seu objetivo mais importante a ser alcançado na educação básica. Diante disto, a Lei n. 14.407/22, estabelece esses deveres como sendo inerentes ao Estado. Neste contexto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) veio a relacionar a alfabetização com sendo a capacidade de os alunos codificarem e decodificarem fonemas e grafemas, tendo por objetivo dominarem a “mecânica” relacionada à língua oral e escrita.

Assim, em 2023, foi instituído o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada pelo Decreto nº 11.556 por meio dos esforços da União, Estados, Distrito Federal e dos Municípios, prezam pela garantia do direito à alfabetização das crianças em todo o território brasileiro, sendo este um elemento estruturante para a devida construção de trajetórias escolares consideradas bem-sucedidas (BRASIL, 2023).

Luiz (2020, p.32) lembra da Política Nacional de Alfabetização (PNA), então instituída em 2019 pelo Decreto nº 9.765/19, que é considerada por muitos educadores como um marco na educação brasileira. Nela, a temática relativa à da alfabetização tem sido destacada como fundamental para a vida das pessoas, não apenas no âmbito escolar, mas também em relação ao exercício pleno da cidadania no qual os professores possuem papel essencial no desenvolvimento desta prática e isso ficou evidente com a emergência sanitária causada pela pandemia de COVID-19, no qual os professores foram fundamentais na continuação da educação no país.

Na concepção de Brasil (2020), com a chegada das novas tecnologias, os professores precisam mudar sua forma de ensinar, de alfabetizar, pois o emprego de novas ferramentas tecnológicas vem mudando a maneira como a educação é praticada e o ensino de crianças, jovens e adultos tem agregado novos recursos que

facilitam a melhor compreensão da leitura e escrita, logo os livros têm se mostrado insuficientes para este público, e o emprego das tecnologias despertam a curiosidade, além de explorar a sensibilidade, os sentidos, o exercício da criatividade, imaginação, auxiliando, portanto, na motivação pelo aprendizado, ou seja, pelos processos de ensino e aprendizagem.

Neste contexto, é indispensável que os professores se apropriem das novas ferramentas tecnológicas para então criarem aulas mais atrativas para que seus alunos sintam total interesse em aprender.

4.1 A ALFABETIZAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

As instituições de ensino têm a capacidade de ressignificar os conteúdos, a fim de construir uma interação para a formação de princípios morais, caráter e valores que os ajudarão na compreensão dos conhecimentos didáticos.

A escola possui um papel de enorme relevância para a sociedade, pois é através dela que são produzidos e compartilhados os saberes que embasam a educação dos indivíduos juntamente com a família e a própria sociedade (Portela; Reis; Itaboraí, 2021, p.12). É o ambiente propício para garantir um dos direitos fundamentais das pessoas em território nacional, a Educação, sendo esta evidenciada como um direito de todos e dever do Estado e da família conforme consta no Art. 205 da Constituição Brasileira que complementa ainda que:

A educação será provida e incentivada também pelos esforços da família e sociedade tendo como principal objetivo o pleno desenvolvimento das pessoas, além de seu preparo para viver em harmonia em sociedade e se preparar para o campo de trabalho e para a cidadania (Brasil, 1988).

De acordo com Ferreira (2011, p. 44), “a instituição social criada para controlar o processo de aprendizagem é a escola. Logo, a aprendizagem deve realizar-se na escola”. Portanto, ela deve contribuir para o desenvolvimento de aprendizagens significativas que preparem os alunos não somente para os conteúdos, como também para a vida em sociedade.

A escola é também o local adequado, rico de informações, relações interpessoais e experiências que os indivíduos carregam pelo resto da vida e isso contribui sistematicamente para que ocorra o desenvolvimento cognitivo, socioemocional, motor, psicomotor, sendo ainda um ambiente de inclusão para todas

as pessoas com ou sem deficiência, mas para que funcione de maneira adequada necessita do empenho de todos os envolvidos na educação, sejam gestores, educadores, colaboradores, pais, família e também a sociedade para que juntos possam superar os desafios que lhes são impostos no seu cotidiano, como o advento da pandemia que fez com que tudo que o ser humano tivesse construído ao longo dos séculos viessem a ser prejudicados em uma fração de tempo muito curta, trazendo consequências em todos os aspectos da vida humana, inclusive na educação (Alves, 2020, p.20).

Sobre o Novo Coronavírus, também denominado cientificamente de SARS-CoV-2 Brasil (2020) destaca que este apareceu no fim do ano de 2019, tendo sido posteriormente chamado popularmente de COVID-19, causando primeiramente uma série de casos de pneumonia na China, especificamente na cidade de Wuhan. Não se tem informações a respeito de seu histórico, de modo que não se pode dizer se o vírus foi criado em laboratório ou se é natural.

Com a elevação dos casos se espalhando por todo o mundo, em 30 de janeiro de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o COVID-19 passou a se constituir como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, sendo então emitido o mais alto nível de alerta por esta instituição de saúde, passando então a ser caracterizada como uma pandemia em 11 de março de 2020 trazendo várias mudanças em todos os segmentos da sociedade (Opas, 2020).

Na área da educação, um dos grandes aprendizados de todos os envolvidos na questão educacional e diante da pandemia foi a busca por alternativas que viessem a cumprir com as exigências sanitárias e assim direcionar planos para que não se perdesse o ano letivo no qual os gestores e educadores procurassem se reunir em prol de encontrarem soluções viáveis para essa problemática onde as tecnologias da comunicação e informação (TICs), além de recursos como o *Home Office* que auxiliou também nas aulas *on-line* durante este período (Beltrão, 2021, p.21).

Segundo a Associação Nacional de Educação Católica (2020) o planejamento das aulas no período da pandemia se fez necessário e urgente haja vista que se tornou a principal prioridade logo após o cumprimento das medidas de segurança impostas pelos governos e instituições de saúde, diante de tantas mudanças tão de repente todos os envolvidos no contexto educacional ficaram sem base metodológica para atuar frente a um desafio novo imposto para o mundo.

Tudo isso fez com que se buscassem soluções para reorganizar o calendário letivo e assim poder ao mesmo tempo cumprir com os cuidados de biossegurança, distanciamento social, higiene, e também questões relacionadas com a área sócio emocional tanto de gestores, professores, estudantes e da família.

Alves (2020, p. 13) destaca o momento que as pessoas vivem na Contemporaneidade, classificando-o como histórico, atípico e surpreendente, pois pegou todos de surpresa fazendo com que todos buscassem meios para se reinventar e a área da educação também não ficou de fora desse contexto, pois gestores, professores e todos que compõem a educação passaram a criar ou utilizar meios que viessem a restabelecer as práticas educacionais, trazendo à luz métodos como o Ensino à Distância (EAD) onde tantos professores mais tradicionais não tinham apreço por esta modalidade de ensino passaram a ser obrigados a se acostumar e também se adaptar a esta nova realidade.

Nessas circunstâncias, professores/as são cada vez mais exigidos/as quanto ao atendimento das necessidades de alunos/as, de mães e pais, de empregadores/as, enfrentando grandes incertezas ao mesmo tempo em que também se veem despendendo grandes esforços para se (re)qualificar e se (re)adaptar a situações e exigências que podem ser opressivas em diversos âmbitos: profissionais, familiares, sociais, emocionais, mentais, e espirituais. Bezerra (2021, p. 43).

Nesta perspectiva, podemos observar que o professor apesar de está passando por um momento novo, tendo que se adaptar à realidade social e digital, teve que mudar sua forma de trabalhar e se adequar rapidamente a nova situação para conseguir manter seus alunos ativos e além disso, o desafio de envolver a participação da família durante esse período foi um grande desafio dos professores. Principalmente, os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, visto que, é o momento em que as crianças estão no período de alfabetização e letramento e necessitam de uma atenção maior em relação a aprendizagem.

A partir de então o planejamento docente passou a ter como base o uso de plataformas *on-line* no qual através de tecnologias como o uso dos Smartphones, computadores, notebooks e tablets professores e alunos passaram a utilizar as chamadas plataformas de aprendizagens, tendo como exemplo o *Microsoft Teams*, *Canvas*, *Google Classroom*, *Edmodo* e também aplicativos de *Messengers*, ou seja, mensagens instantâneas como o *Skype*, *Google Meet*, *Zoom*, *Hangouts*, já para os trabalhos colaborativos o *G Suite*, *Office 365* e o *Padlet* (Freire; Diógenes, 2020).

É importante citar que as tomadas de decisão no que dizem respeito à gestão escolar nesses tempos de pandemia não são nada fáceis, uma vez que por ser algo considerado novo para a maioria dos que estão vivenciando a Contemporaneidade, sempre há desafios e dificuldades para que se possa chegar em um planejamento de comum acordo, assim, nesses casos o melhor a se fazer é buscar meios para que todos possam participar de reuniões e tentar criar mecanismos que venham a influenciar a continuação das aulas por algum tipo de método que seja acessível para todos, principalmente através de formas democráticas de escolha (Santos; Alves; Arraes, 2021).

Antes mesmo da pandemia Libâneo (2022, p.30) já enfatizava que a gestão escolar deve ser sociocrítica e democrática, pois há a concepção de que esses métodos agregam pessoas que se juntam para uma melhor tomada de decisões, ou seja, elas são tomadas de forma coletiva e possibilitam melhores discussões e envolvimento de todos que atuam no contexto educacional. A autonomia é outro meio pelo qual a gestão escolar deve se basear, pois é fundamental quando se reconhece a importância da participação ativa dos interessados no sucesso educacional. Tudo isso causa impacto positivo quando surgem problemas e desafios e facilitam nas tomadas de decisões que devem primar pelos princípios democráticos que são o processo de ensino aprendizagem de qualidade buscando-se sempre a excelência.

O Ministério da Educação e Cultura (MEC) através da homologação do Parecer nº 19, do Conselho Nacional de Educação (CNE), estendeu até o fim do ano de 2021 as atividades de educação remotas no ensino básico e superior em todo o território nacional. Essa decisão passou a ser oficial depois de publicada dia 10 de dezembro de 2020 no Diário Oficial da União (DOU) (Fraga, 2021).

Sobre o momento que o mundo atravessa, em especial a educação, Freire e Diógenes (2020, p. 29) ressaltam que:

O mundo vive um momento de grandes mudanças e transformações tecnológicas com a criação de novas tecnologias da informação e comunicação que vêm desde a década de 90 sendo aprimoradas em prol da evolução humana. Na Contemporaneidade mais do que nunca esses mecanismos estão sendo usados em prol da continuação das práticas humanas, sejam elas ligadas ao trabalho, à família ou ao estudo sendo necessário que todas as pessoas passem, a partir da pandemia de Covid-19 a lidar com essas tecnologias e a buscar interagir com estas e com outros indivíduos primando-se de seu uso, ainda mais no que diz respeito à educação que com essas mudanças repentinas passou a ter o ensino remoto e a exigir tanto de gestores, professores, pais, alunos e da própria sociedade

um maior esforço em prol do sucesso educacional. Freire e Diógenes (2020, p. 29)

Santos, Alves e Arraes (2021, p.23) concordam com o exposto e citam que a partir do momento que se substituiu a vivência física pela virtual com o uso das TICs houve uma busca incessante por um tipo de planejamento que viesse a ser utilizado em prol do sucesso educacional, mas sempre com dúvidas frequentes em relação aos impactos positivos e negativos ocasionados com o uso dessas novas metodologias de ensino, assim como qual o papel da escola e de seus educadores em prol do sucesso educacional no período da pandemia e se os alunos realmente aprenderiam com a tomada de decisão acerca do novo planejamento de ensino dentre outras.

Freire e Diógenes (2020, p.22) destacam que o certo é que durante o período da pandemia, que ainda não terminou, houveram várias mudanças na rotina das pessoas em todos os aspectos, segmentos, áreas. Assim, na educação também não foi diferente, muita coisa mudou e agora com o uso das tecnologias e das novas ferramentas de acesso virtual, foram feitas várias adaptações para que houvesse o alcance dos estudantes que estão em regime de distanciamento social e pensando em soluções viáveis para o exposto e assim evitar também a elevação das desigualdades, bem como da repetência, evasão e abandono escolar, o Conselho Nacional de Educação (CNE) passou a recomendar que todas as atividades, no início da pandemia, fossem ofertadas de forma remota para que não se perdesse o vínculo com a escola e o ano letivo.

Deste modo, para Beltrão (2021, p.20) é essencial que os educadores compreendam as potencialidades dos alunos e os considere sujeitos ativos junto às múltiplas aprendizagens, buscando e propondo reflexões, estratégias que venham a se tornar significativas em prol do processo de ensino aprendizagem através do acesso remoto com as novas tecnologias que, por sua vez, trazem novos recursos didático-pedagógicos para os professores e lhe permitem avaliar as diferenças entre o ensino convencional e o ensino remoto e através da flexibilidade das tecnologias ofertar novos meios de aprendizagens criando com isso novas possibilidades de acesso a um maior potencial educacional.

Alves (2020, p.33), por sua vez, relata que o acesso às mídias e tecnologias faz com que os professores busquem aliar esses novos instrumentos educacionais e tecnológicos aos estímulos dos seus alunos quanto ao ato de estar sempre conectados e assim através de um plano curricular adequado criar estratégias que

venham a favorecer o processo de ensino aprendizagem diante da pandemia que assolou o mundo de maneira ativa, crítica e participativa, e a gestão escolar é o meio pelo qual gestores e professores procuram adequar os conteúdos a essas novas tecnologias.

Deus *et al.* (2023, p.10) abordam em seu estudo que mesmo com o advento do uso das tecnologias, muitas famílias não as dispunham, o que fez com que fosse evidenciado durante a pandemia um índice muito alto de evasão escolar diante de tantas dificuldades de acesso, bem como na assimilação dos conteúdos e aceitação do novo método de ensino por parte das crianças e dos pais apresentando ainda um fracasso no que diz respeito à inclusão escolar.

A inclusão escolar impõe uma escola em que todos os alunos estão inseridos sem quaisquer condições pelas quais possam ser limitados em seu direito de participar ativamente do processo escolar, segundo suas capacidades, e sem que nenhuma delas possa ser motivo para uma diferenciação que os exclua das turmas (Oliveira, 2022, p.12).

Outro agravante foi que muitos pais também não tinham o conhecimento adequado para guiar seus filhos quanto ao uso das tecnologias, o que fez com que Souza e Viana (2020, p. 42), concluíssem em seu estudo que “Não poderá haver sociedade da informação sem cultura informacional e que o maior problema da inclusão digital não é a falta de computadores, mas o analfabetismo em informação”.

Obstante a isso, Netto, Pimentel e Romano (2022, p.31) lembram que a educação Inclusiva veio para abrir novos horizontes para os deficientes, dando-lhe oportunidades para que possam se desenvolver não só no ensino aprendizagem, mas também como pessoa humana, decente, justa, generoso, como cidadão crítico e participante no qual as políticas públicas para a inclusão digital se fizeram necessárias com o tempo.

Já Sousa e Viana (2022, p.10) finalizam esta concepção citando que é a inclusão digital em tempos de pandemia foi um meio eficaz de promover a informação através da ampliação do conhecimento por meio de novas TICs, assim, teve-se nisso um desafio, que foi o de como inserir as novas TICs na escola para que estas pudessem implementar a promoção da alfabetização tecnológica dos indivíduos, fato que até hoje não se tem dados concretos, mas que, na maioria da concepção dos educadores refletiu como um fracasso educacional.

5 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

5.1 PROCEDIMENTOS DE INVESTIGAÇÃO

Trata-se de uma pesquisa exploratória descritiva com abordagem quantitativa contemplar de forma sucinta a temática abordada, considerando os resultados significativos para a educação, de forma que proporcione mais conhecimentos para pesquisadores da área. Segundo Gill (1991, p. 45 *apud* Oliveira, Barbosa, 2006, p. 5) a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema. E a pesquisa descritiva, segundo Oliveira e Barbosa (2006, p. 6) adota como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno.

5.2 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi utilizada a aplicação de questionário com entrevista direta com a participante do estudo para a obtenção de respostas e informações sobre as práticas pedagógicas aplicadas e os desafios encontrados no 2º ano do ensino fundamental.

5.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Esta pesquisa tem como sujeito 01 professora que leciona no 2º ano do ensino fundamental, na U.E.F Pantanal no município de Bacabal-MA.

5.4 LÓCUS DA PESQUISA

Este estudo foi desenvolvido na Unidade de Ensino Fundamental Pantanal, localizada na Rua Goiás, S/N, no bairro Pantanal. A escola possui salas do 1º ao 9º ano, e tem apenas uma turma de cada ano, que funcionam no turno matutino do 1º ao 5º ano e no vespertino do 6º ao 9º ano tendo como público os alunos que moram na localidade. A pesquisa foi realizada na turma do 2º ano desta escola para obter informações acerca do processo de alfabetização desenvolvido.

5.5 PROCEDIMENTOS DA ANÁLISE

A pesquisa contou também com a observação da pesquisadora nos momentos referentes à prática da leitura dos alunos para identificar as crianças analfabetas e alfabetizadas e aplicação de questionário e entrevista com a professora para entender como e quais as práticas pedagógicas aplicadas pelo mesmo e entender as dificuldades encontradas durante este processo. Segundo Marconi e Lakatos (2017, p.207) a observação é uma coleta de dados muito importante na pesquisa e uma forma de obter mais informações acerca do estudo.

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações que utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar. (Marconi; Lakatos, 2017, p. 207)

Já a entrevista foi um diálogo com a professora sobre as práticas pedagógicas que a mesma aplica na sala com os alunos, entender os principais desafios e os métodos que deram resultados durante o processo de alfabetização.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que elas, mediante a conversação, obtenham informações a respeito de determinado assunto. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados, ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (Marconi; Lakatos, 2017, p. 211-212).

No questionário aplicado a professora foram feitas perguntas fechadas relacionadas à alfabetização no 2º ano do ensino fundamental. Segundo Marconi e Lakatos (2017, p.211) o questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para se ter uma concepção sobre as práticas pedagógicas aplicadas no 2º ano do ensino fundamental da escola Pantanal foi realizada uma pesquisa com a professora de Língua Portuguesa responsável pelas aulas desta turma, no qual foram obtidas informações importantes para a discussão de seus resultados.

Questionário com a professora

Tabela 1

Você é formada em pedagogia?	
P1	Resposta
	<i>Não.</i>

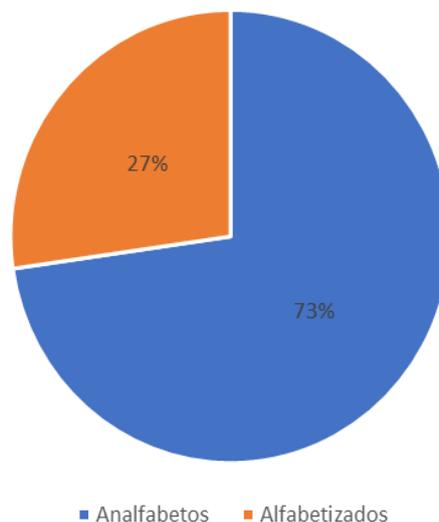
Fonte: autora (2024)

De acordo com a tabela 1, quando é questionada sobre a sua formação, a professora disse que não é formada em Pedagogia. Com esta resposta salienta-se que a formação dos professores deveria possuir, obrigatoriamente, um curso superior na área da Pedagogia, pois tem-se a concepção de que professores com a formação adequada possuem mais conhecimentos e experiências para lidar com as rotinas educacionais e isso faz toda a diferença em sala de aula.

Isso é comprovado por Brunkem e Rausch (2023, p.22) quando destacam que a má formação pedagógica contribui diretamente para a ocorrência de problemas relacionadas com o processo de alfabetização, pois professores sem a devida formação enfrentam diversas dificuldades para ensinar seus alunos, tais como: formação inadequada focada na prática da alfabetização que influencia na má qualidade de ensino, bem como no comportamento dos alunos quanto à participarem ativamente das atividades de alfabetização.

Entrevista com a professora

Gráfico 1: Quanto dos 11 alunos estão alfabetizados?



Fonte: autora (2024)

No primeiro gráfico mostra o percentual de alunos que estão alfabetizados e os analfabetos, dessa forma dos 11 anos que estudam no 2º ano do ensino fundamental na escola Pantanal, apenas 27% estão alfabetizados e 73% ainda estão analfabetos.

Cruz (2023, p.45) em seu estudo informa que todos os professores possuem desafios em seu cotidiano escolar, especialmente diante da prática da alfabetização e, ao que parece, o período pandêmico fez com que ocorressem muitas mudanças que apontam como consequência a diminuição da qualidade das práticas da alfabetização e letramento sendo que os professores passaram a perceber que muitos alunos, devido a muitos fatores, sentem dificuldades nesses processos.

Tabela 2

Você sente dificuldades em trabalhar alfabetização com os alunos?	
P1	Resposta
	<i>Sim.</i>

Fonte: autora (2024)

A professora referiu que sente dificuldades diante da prática da alfabetização e que em muitos casos, os alunos não compreendem as atividades propostas em sala de aula. Por isso, a formação é muito importante no processo de ensino aprendizagem que servem de base para que estratégias didático-pedagógicas possam ser utilizadas em prol da motivação dos alunos quanto às atividades da alfabetização.

Tabela 3

Quais metodologias de alfabetização você utiliza durante esse processo?	
P1	Resposta
	<i>Ficha de leitura, alfabeto e bingo com palavras.</i>

Fonte: autora (2024)

De acordo com a resposta da professora é possível identificar que ela utiliza em suas aulas os métodos analíticos e sintéticos que são muito importantes para a aprendizagem e desenvolvimento de habilidades necessárias para a leitura da criança.

Tabela 4

Na sua opinião, por que alguns alunos ainda concluem o 2º ano analfabetos?	
P1	Resposta
	<i>Porque algumas não tem acompanhamento da família.</i>

Fonte: autora (2024)

Na quarta tabela, a professora é questionada sobre o porquê alguns alunos ainda concluem o 2º ano analfabetos, afirma que algumas não tem acompanhamento da família. E de fato, a presença da família na vida escolar da criança ajuda no seu desenvolvimento integral.

Sobre o exposto, Soares (2020, p.14) discorre sobre a falta de acompanhamento dos pais na educação dos seus filhos, especialmente os que estudam nos anos iniciais do ensino fundamental, é um dos fatores que influenciam de forma negativa na qualidade da alfabetização dos alunos.

Sendo assim, a formação continuada e adequada é de fundamental importância em qualquer área profissional, e na educação não deve ser diferente. Ser pedagogo é um diferencial que pode ser um fator significativo para um resultado positivo em relação a aprendizagem das crianças nos anos iniciais do ensino fundamental. Com as práticas e estratégias didático-pedagógicas que podem influenciar positivamente no comportamento dos alunos quanto à motivação relacionada com as atividades de alfabetização.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse trabalho é possível destacar que o primeiro objetivo foi alcançado, devido ao levantamento de dados feito na U.E.F. Pantanal no qual foi possível compreender mais a respeito do processo de alfabetização realizado na escola. O segundo objetivo foi atingido, visto que, durante o desenvolvimento do trabalho é possível compreender como as práticas pedagógicas aplicadas de forma correta durante o processo de alfabetização pode influenciar positivamente na aprendizagem da criança. E o terceiro e último objetivo também foi atingido, dado que, foi possível investigar ao longo do trabalho os métodos de alfabetização mais utilizados e, particularmente, os métodos usados na U.E.F. Pantanal no município de Bacabal- MA.

Ao longo deste estudo, é plausível compreender que o processo de alfabetização é a base de todo o aprendizado das pessoas e fator decisivo para o sucesso ou o fracasso destas. Ele deve, desde cedo ser realizado para que os alunos se apropriem das práticas da leitura e escrita, para serem capazes de utilizar esses conhecimentos durante toda a sua trajetória escolar e também fora dos muros da escola.

Neste contexto, é importante compreender que a prática pedagógica como elemento de produção do conhecimento deve ocorrer seguindo a necessidade iminente de alfabetizar letrando. Assim a alfabetização constitui-se em um trabalho a ser realizado pelo educador e também por todas as pessoas que participam do aprendizado das crianças, como a família, por exemplo, sendo que o cenário brasileiro, na maioria das pesquisas aponta para a inserção de mudanças significativas acerca das práticas pedagógicas através do ensino da leitura e escrita para que ocorra seu aprimoramento nas séries iniciais.

Para isso, como mencionado anteriormente, a formação dos professores proporciona uma melhor práxis educacional, além da participação dos pais na educação dos filhos que é essencial para aprimorar o aprendizado das crianças, logo, no processo de alfabetização, os alunos defrontam-se com um mundo cheio de atrações (letras, palavras, frases, textos) e se engajam neste mundo muito mais facilmente se estiverem motivados para que possam participar integralmente dele e ainda, se o processo for transformado num grande ato lúdico, ou seja, prazeroso, participativo e inteligente, em oposição à prática técnica que é estática, repetitiva, e mecânica, muito utilizado na maior parte das escolas .

Com relação à escola pesquisada, notou-se que está passa por dificuldades com relação à alfabetização, pois, conforme resultado do estudo, a grande maioria dos alunos, de um total de 11 (onze), 08 (oito) deles apesar de o ano letivo estar perto de findar, ainda estão em processo de alfabetização considerado muito abaixo do normal.

Neste contexto, é importante citar que a formação dos professores é, sem dúvida alguma um dos fatores mais importantes para que o processo de alfabetização alcance o sucesso, logo esses profissionais aprendem e vivenciam durante sua formação acadêmica muitas experiências que os preparam para a práxis laboral com excelência, o que faz com que o nível da qualidade do ensino seja mais elevado.

Considera-se, que este estudo foi de grande valia para a formação acadêmica na área educacional no qual o mesmo poderá ser estudado, analisado, complementado servindo ainda de base teórica para acadêmicos e profissionais desta área, embora não se pretenda apresentá-lo como um tipo de padrão relacionado com a alfabetização como foco nas práticas pedagógicas aplicadas no 2º ano do ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

ALVES, Gabriel Cunha. Desafios da Gestão Escolar Frente à Pandemia de Covid-19. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 33, 1 de setembro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/33/desafios-da-gestao-escolar-frente-a-pandemia-de-covid-19>. Acesso em: 11.dez.2024.

ARROYO, M. Reconstruir o Estado de Direitos. Reinventar Outra Gestão do Direito à Outra Educação. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação - Periódico Científico Editado pela ANPAE**. [S. l.], v. 39, n. 1, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/134291>. Acesso em: 27.nov.2024.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Protocolo ANEC de Retorno às Aulas Presenciais**. Brasília: ANEC, 2020. Disponível em: <https://gestaoescolar.sistemapositivo.com.br/a-escola-em-tempos-de-pandemia-do-planejamento-a-implementacao-da-mudanca/>. Acesso em: 10.dez.2024.

BELTRÃO, Monique Ferreira Monteiro. Uma Análise Pedagógica sobre o Planejamento Escolar em Tempos de Pandemia. **Pedagogia Ação, Belo Horizonte**, v. 15, n. 1 (1. sem. 2021) - ISSN 2175- 7003 101. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/article/view>. Acesso em: 09.dez.2024.

BEZERRA, Fábio Alexandre Silva. Experiências de ensino-aprendizagem remoto de inglês na licenciatura em letras/inglês durante a pandemia de covid-19: multiletramentos digitais e interseccionalidade. *Ilha do Desterro, Florianópolis*, v. 74, n. 3, p. 41-66, set./dez. 2021.

BOTO, Carlota. António Nóvoa: uma vida para a educação. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 44, n. 20, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/KJRqxNkmd9TpR5KH6g3fZhD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em:

BRANDT, Andressa Grazielle; MAGALHÃES, Nadja Regina Sousa; SILVA, Filomena Lucia Gossler Rodrigues da. **Didática e Formação de Professores: desafios e perspectivas da articulação**. 1. ed. v. 2. Curitiba-PR: Editora Bagai, 2021. 326p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo de Manejo Clínico do Coronavírus (COVID-19) na Atenção Primária à Saúde**. Versão 9. Brasília –DF, 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/especial/covid19/pdf/37>. Acesso em: 08.dez.2024.

BRASIL, Senado Federal. **Sancionada lei que inclui na LDB Compromisso de Alfabetização no Ensino Básico**. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/09/19/sancionada-lei-que-inclui-na-ldb-compromisso-de-alfabetizacao-no-ensino-basico>. Acesso em: 25.nov.2024.

BRASIL. **Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020**. Presidência da República. Brasília/DF, 2020.

BRASIL. Constituição Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988.

BRITTO, Luiz Percival Leme; DI GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini. “Leitura do Mundo” e Educação em Paulo Freire. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 43, e258577, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/QZBhvBTZYjsjJTpgm3Tbgzs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05.nov.2024.

BRUNKEN, Caroline Michele; RAUSCH, Rita Buzzi. **Formação Continuada de Professores Alfabetizadores**: implicações de uma comunidade de prática após o isolamento social. 2023. Disponível em: 19.nov.2024.

CAMILLO, C. M.; MEDEIROS, L. M. **Teorias da Educação**. 5. ed. Santa Maria, RS: EdUFSM, NTE, 2022.

CERON, Fátima Juliane Machado. O Papel do Professor na Construção do Ensino e Aprendizagem. **Revista Foco**. v. 16. n. 5 p. 01-13, Curitiba (PR), 2023. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/1906/1252>. Acesso em: 24. nov.2024.

CHRAIM, Amanda Machado. PEDRALLI, Rosângela. Alfabetização Baseada em Evidências: a defesa da cientificidade como conveniente para naturalizar o inconveniente? **Revista Brasileira de Educação** v. 28. n. 12. p. 28-29. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/KyMX4qh3ZVFfsnvd4cB359b/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15.nov.2024.

CRUZ, Maria Joana Ferreira da. **Desafios nos Processos de Alfabetização e Letramento no Período pós Pandemia**. 2023. Trabalho de conclusão de curso de pedagogia- Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

DEUS, A. . F. E. de; CANCIAN, Q. G.; SILVA, A. de O. da; SILVA, G. A. da .; MALACARNE, V. Alfabetização em Tempos de Pandemia: realidade e desafios na percepção das famílias . **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 14, n. 42, p. 22–35, 2023. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/1436>. Acesso em: 13.dez.2024.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização**. Tradução de Horácio Gonzalez. 23. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 2016.

_____. **Alfabetização em Processo**. Tradução de Marisa do Nascimento Paro e Sara Cunha Lima. 23. reimp. São Paulo: Cortez, 2011, p. 136.

_____. **Reflexões sobre alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011

FOGOLARI, Cleonice Maria Dariva. **O ato pedagógico e a leitura: processos de emancipação**. Erechim, RS: Edifapes, 2004.

FRANCHI, Eglê. **Pedagogia do alfabetizar letrando: da oralidade a escrita**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos e Didáticas de Alfabetização**: história, características e modos de fazer de professores: caderno do professor. 10. Reimp. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2015.

FRAGA, Fernando. **MEC Autoriza Aulas não Presenciais até Dezembro de 2021.** Ministro homologou parecer do Conselho Nacional de Educação. 2020. Disponível em: <https://agencia.brasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-12/mec-autoriza-aulas-nao-presenciais-ate-dezembro-de-2020>. Acesso em: 08.dez.2024.

FREIRE, Juliana Gonçalves; DIÓGENES, Elione Nogueira. **O Ensino Remoto e o Papel da Gestão Escolar em Tempos de Pandemia.** 2020. Disponível em: https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-5639ac7a6482313439436f4e809a2599a12136a8-segundo_arquivo.pdf. Acesso em: 05.dez.2024.

FUENTES, N. O Processo de Aprendizagem e o Papel do Educador. **Revista de Parapedagogia**. n. 36, n. 17, p. 77-99. Foz do Iguaçu – PR, 2020.
GADOTTI, Moacir. **Alfabetização e Letramento Como Negar Nossa História.** 2010. Disponível em: <https://culturadigital.br/obviuss/2010/07/22/alfabetizacao-e-letramento-como-negar-nossa-historia/>. Acesso em: 06.out.2024.

GATTI, Bernardete Angelina. Formação de Professores no Brasil: políticas e programas. **Revista Paradigma**, v. 32, n. 2. Políticas, Programas e Práticas, maio/2021. Disponível em: <http://revistaparadigma.online/ojs/index.php/paradigma/article/view/1044/941>. Acesso em:

GOMES, Dinamar de Oliveira dos Santos. **Processos de Alfabetização dos Estudantes de 1º ano no Ensino Fundamental I do C. M. E. I. E. F. Ruth Rocha, Ji-Paraná – RO.** 2023. Disponível em: <https://www.utic.edu.py/repositorio/Tesis/postgrado/2024/maestria%20en%20educacion/tese%20-%202023%20-%20dinamar%20-%20mar%20c3%a7o.pdf>. Acesso em: 02.out.2024.

GONÇALES, Eliane Cristina; JESUS, Joelma de. **Alfabetização: métodos, metodologias e didáticas.** 2015. Disponível em: <https://calafiori.edu.br/wp-content/uploads/2019/09/ALFABETIZA%C3%87%C3%83O-m%C3%A9todos-metodologias-e-did%C3%A1ticas.pdf>. Acesso em: 06.out.2024.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “Ensinar” o Letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? Coleção Linguagem e Letramento em Foco: linguagem nas séries iniciais. Ministério da Educação. Cefiel/IEL. UNICAMP, 2010. 65 p.

KOSLOSKI, Pamela Marcele Bello e RODRIGUES, Maria Ester. Métodos fônicos de alfabetização. **Educere- Revista de Educação da UNIPAR, Uruarama**, v.23.n.1, p. 324-346, 2023.

KRAMER, S. **Leitura e Escrita como Experiência:** notas sobre seu papel na formação. 15. ed. São Paulo: DP & A Editora, 2022.

LIBÂNEO, J. C. **Educação Escolar:** políticas, estrutura e organização. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2022.

LIMA; Eciône Félix de; MACHADO, Yzynyia Silva Rezende; PAIVA, Maria Cristina Leandro de. **Prática de Leitura e Escrita na Perspectiva de Letramento em Tempo de Pandemia:** relato de experiência. 2023. Disponível em: <https://eventos>.

udesc.br/ocs/index.php/V_CBA/viconbalf/paper/viewFile/2244/1876. Acesso em: 22. nov.2024.

LIMA, Eslaine Cristina dos Santos Cardoso; MONTEIRO, Edemar Souza. A Epistemologia Genética e a Alfabetização: contribuições da teoria piagetiana na aquisição da leitura e escrita. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v. 17, n. 7, p. 01-13, 2024. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/download/8919/5494/26671>. Acesso em: 25.nov.2024.

LUIZ, Silvania Sousa Felipe. **Alfabetização na Pandemia: realidades e desafios**. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/19167/1/SSFL08012021.pdf>. Acesso em: 20.nov.2024.

MARCÍLIO, M. L. **História da Escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo / Instituto Fernand Braudel, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MENDES, Iba. A Teoria de L. S. Vygotsky. 2022. Disponível em: <http://www.lbamendes.com/2022/02/teoria-de-l-s-vygotsky.html> 2022. Acesso em: 24.nov.2024.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprender**. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

MONARCHA, C. Testes ABC: origem e desenvolvimento. **Boletim-Academia Paulista de Psicologia**, v. 28, n. 16, p. 7-17, 2008.

MORTATTI, M. D. R. L. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil**. Portal MEC. Seminário Alfabetização e Letramento em Debate, 2006.

NETTO, J.T.; PIMENTEL, Z. A; ROMANO, M. R. V. R. Inclusão digital e literacia em saúde: uma experiência educativa em tempos de pandemia do Covid-19. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 3, p. e11011326415- e11011326415, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i3.26415>. Acesso em: 08.dez.2024.

OLIVEIRA, Lucilene Simone Felipe. Psicogênese da Língua Escrita, Alfabetização e Letramento: estudos e conceitos. **Rev. Cient. Novas Configur. Dialog. Plur.**, Luziânia, v. 2, n. 3, p. 151 - 177, 2021. Disponível em: <http://www.dialogosplurais.periodikos.com.br/article/6193ab06a9539528d108b533/pdf/dialogosplurais-2-3-151.pdf>. Acesso em: 27.out.2024.

OLIVEIRA, Marcelle Colares; BARBOSA, João Victor Bezerra. **Metodologias de Pesquisa adotadas nos Estudos sobre *Balanced Scorecard***. XIII Congresso Brasileiro de Custos. Belo Horizonte- MG, Brasileiro, 30 de outubro a 01 de novembro

de 2006.

OLIVEIRA, Zilda de. **Afetividade na Perspectiva Walloniana e suas Contribuições no Processo de Formação da Criança na Leitura**. 2024. Disponível em: <http://revistas.fcjp.edu.br/ojs/index.php/altuscienca/article/view/288/202>. Acesso em: 18.nov.2024.

OLIVEIRA, M. B. M.; BORGES, E V; LIMA, T. B de. Inclusão digital e as políticas públicas: Qual o papel da escola e do professor? **Interletras** v. 9, ed. 32, 2022.

OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde. **Folha informativa – COVID-19 (Doença Causada pelo Novo Coronavírus)**. 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875 Acesso em: 08.dez.2024.

PEDROSA, Danilaine Luzia da Silva; FERNANDES, Leilane Rodrigues; SOUZA, Vilma Soares da Silva Santos; CALDEIRA, Talita Daniele Alves Gomes. **Os Desafios da Alfabetização dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. 2023. Disponível em: <https://brinquedoteca.faculdadeunica.com.br/wp-content/uploads/2023/02/Microsoft-Word-ED-9-artigo-final-Versao-2.pdf>. Acesso em: 28.set.2024.

PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. **História da Educação**. 17. ed. São Paulo. Ática, 2016.

RUSSO. Maria de Fátima. VIAN, Maria Inês Aguiar. **Alfabetização: um processo em construção**. 19. ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

PORTELA, Cláudia Paranhos de Jesus; REIS, Cristina de Araújo Ramos; ITABORAÍ, Flavia Cristina Souza; **Gestão Escolar e Pandemia: caminhos para uma educação inclusiva**. **Revista Brasileira de Pesquisa**. (Auto) Biográfica, Salvador, v. 06, n. 17, p. 328-344, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/article/download>. Acesso em: 09.dez.2024.

SANTIAGO, Shirlei Ferreira França. **Alfabetização nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental**. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/2106/TCC%20ALFABETIZA%C3%87AO%20NAS%20SERIES%20INICIAIS%20DO%20ENSINO%20FUNDAMENTAL.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em; 19.nov.2024.

SANTOS, Letícia Rodrigues; ANDRADE, Elisângela Ladeira de Moura; FERNANDES, Juliana Cristina da Costa; LIMA, Emmanuela Ferreira de. As contribuições da Teoria da Aprendizagem de Lev Vygotsky para o desenvolvimento da competência em informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 17, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/169462#:~:text=As%20ideias%20de%20Lev%20Vygostky,precisava%20interagir%20com%20o%20meio>. Acesso em: 26.nov.2024.

SANTOS, Marismênia Nogueira dos; ALVES, Francione Charapa; ARRAES, Ariele Vitória Araújo. **Gestão Escolar no Contexto Pandêmico**. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-12, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>. Acesso em: 10.dez.2024.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica, Quadragésimo Ano: novas aproximações**. Campinas, SP: Autores Associados, 2019.

SCHUCHTER, Lúcia Helena; LOMBA, Maria Lúcia de Resende. Docência, Profissão e Formação de Professores para a Educação Básica: reflexões e referenciais teóricos. **SciELO Preprints**, 2022. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/4623>. Acesso em: 27.nov.2024.

SERTORI, Natalia Maria. **Teorias da Aprendizagem**. Gama, DF: UNICEPLAC, 2021.

SILVA, Lorrane Estacio do Prado da; ROCHA, Ester Portugal da Silva; PEZARINO, Mayara Xavier Vito; LUQUETTI, Eliana Crispim França. A Importância dos Gêneros Textuais nas Aulas de Língua Portuguesa. **Inter Science Place**, [S. l.], v. 17, n. 5, 2023. Disponível em: <https://www.interscienceplace.org/index.php/isp/article/view/383>. Acesso em: 29.nov.2024.

SILVA, Rodrigo Alves dos Santos; MORATO, Giovana Garcia; FERNANDES, Amanda Dourado Souza Akahosi. Contribuições teóricas de Dermeval Saviani para a Educação Superior: revisão integrativa. **Revista Educação, Batatais**, v. 11, n. 1, p. 77-92, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://web-api-claretiano-edu-br.s3.amazonaws.com/cms/biblioteca/revistas/edicoes/b89474ac0957d07c2f12ce7f6ef3b76f/arquivo.pdf>. Acesso em: 25.nov.2024.

SOARES, Magda. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever** / Magda Soares. São Paulo: Contexto, 2020.

_____. **Alfabetização e Letramento**. 7. ed., 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2018.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros** 5. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. **Alfabetização e Letramento**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SOUZA, Lorenzo. **Teoria de Piaget: quando um homem aprendeu como se aprende**. 2024. Disponível em: <https://jornalismojunior.com.br/teoria-de-piaget-aprendizagem/>. Acesso em: 20.nov.2024.

SOUZA, Wilber Rodrigues de. VIANA, Diego Carvalho. **Inclusão Digital nas Escolas: desafios em tempos de pandemia**. 2020. Disponível em: https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/3418/1/art_tcc_Wilber%20Rodrigues%20de%20Souza.pdf. Acesso em: 11.dez.2024.

SUANNO, Marilza, CHAVES, Sandramara, ROSA, Sandra Valéria (org.) **Educação como Prática Social, Didática e Formação de Professores**. Contribuições de José Carlos Libâneo. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2020. 361 p.

WOLFF, Clarice Lehen; LOPES, Marília Marques; PEREIRA, Vera Wannmacher. **Psicolinguística na alfabetização: tendências, contribuições, possibilidades Nonada:**

Letras em Revista, v. 2, n. 21, Laureate International Universities Porto Alegre, Brasil, Out., 2013.

ZUIN, Antônio Á. S. MELLO, Roseli Rodrigues de. Por uma Pedagogia da Esperança e da Autonomia na Era da Cultura Digital. **Pro-Posições**. Campinas, SP v. 32, n. 10, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/R6JVbktpjPSv69NFp494FK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15.ov.2024.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Questionário à professora do 2º ano do Ensino Fundamental para coleta de dados na Unidade de Ensino Fundamental Pantanal.

1. Você é formado em pedagogia?

Sim Não

2. Docente, todos os alunos do 2º ano são alfabetizados?

Sim Não

3. Se não, a maioria estão alfabetizados?

Sim Não

4. Você tem dificuldades em trabalhar a alfabetização com os alunos?

Sim Não

5. Os alunos compreendem as atividades propostas em sala?

Sim Não

6. Durante o processo de alfabetização você utiliza os métodos sintéticos?

Sim Não

7. Utiliza de métodos analíticos?

Sim Não

8. Você faz diferenciação de atividades para os alunos que ainda não estão alfabetizados?

Sim Não

9. Você trabalha a ludicidade durante as atividades desenvolvidas na sala?

Sim Não

10. Você consegue identificar o que cada criança já sabe e o que ela ainda tem dificuldades em aprender?

Sim Não

APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista à professora do 2º ano dos anos iniciais para coleta de dados na Unidade de Ensino Fundamental Pantanal.

- 1. Quanto dos 11 alunos já estão alfabetizados?**
- 2. Durante o processo de alfabetização em que as crianças têm mais dificuldades?**
- 3. Quais metodologias de alfabetização você utiliza durante esse processo?**
- 4. Qual ou quais metodologia(s) de alfabetização se adequa melhor com o seu aluno?**
- 5. Na sua opinião, por que alguns alunos ainda concluem o 2º ano analfabetas?**